



Uma sociedade democrática só existe com jornalismo

**Imprensa regional é um grande desafio
Criar nas autarquias um espaço de comunicação**

O papel dos jornalistas tem de ser renovado, para que não seja apenas intermediário de notícias. Dora Santos Silva, professora na Universidade Nova, diz que o jornalista deve ter “papel de educador”. Luís Neves, consultor do Estúdio de Comunicação, pronuncia-se sobre a imprensa regional e a importância da experiência que proporciona. Rita Figueiras, profes-

sora na Universidade Católica, aborda a importância do jornalismo em democracia. Sofia Martins, secretária-geral da Associação de Municípios da Região de Setúbal, alude ao desafio autárquico de criar melhor espaço de comunicação.

PÁGINAS 6 A 9

**Plástico
sufoca
pesca
tradicional**



PÁGINA 18

**Terminal
intermodal
de Setúbal**

PÁGINA 19

**Falta de
confiança
na política
em Portugal**

PÁGINA 3

Ficha Técnica
n.º 2

Registo ERC n.º: Anotado
Proprietário:
 Instituto Politécnico de Setúbal
 NRPC: 503720364

Presidente: Pedro Miguel de Jesus Calado Dominginhos
Vice-presidentes: Ângela Maria Gomes Teles de Matos Cremon de Lemos e Pedro Miguel Pereira Salvado Ferreira
Administradora: Maria de Lurdes Cardina Pedro

Editora: Escola Superior de Educação
 – Instituto Politécnico de Setúbal
Sede editora e redacção:
 Campus do Instituto Politécnico de Setúbal, Estefanilha, 2914-504 Setúbal
E-mail: ojornal@ese.ips.pt

Diretora: Cristina Gomes da Silva
Diretores Adjuntos: Orlando César e Mariana Pinto

Conselho editorial: Alcina Dourado, Ana Maria Pessoa, Cátia Salgueiro, Cristina Gomes da Silva, Fernando Pinho, Lídia Marôpo, Luísa Ferreira, Mariana Pinto, Marta Alves, Orlando César e Ricardo Nunes.

Chefe de redacção: Rui Capelo

Redacção:
 Alexandra Costa, Ana Maria Vitorino, Carina Moreira, Carlos Nascimento, Carolina Luz, Catarina Vilhena, David Marcos, David Simões, Diogo Bordalo, Filipa Martins, Filipe Borges, Inês Jóia, Maria da Conceição Correia, Mariana Pombo, Marta Raimundo, Orlando César, Raquel Santos, Rita Almeida, Rui Capelo, Sofia Raichande e Sofia Vicente.

Fotografia:
 Francisco Matias, Luísa Ferreira, Fernando Pinho, Alexandra Costa, Carlos Nascimento, Catarina Vilhena, Inês Jóia, Maria da Conceição Correia, Orlando César, Rita Almeida e Sofia Vicente.

Paginação:
 Maria Ramos

Projeto gráfico:
 Maria Ramos

Estatuto Editorial:
https://www.si.ips.pt/ese_si/web_gessi_docs.download_file?p_name=F1690876301/Estatuto%20editorial%20do%20Jornal%20Rep%F3rter.pdf

Edição online:
https://www.si.ips.pt/ese_si/web_base.gera_pagina?P_pagina=31526

Editorial

Um Mundo reconfigurado numa época de incerteza maior: O papel das mulheres na mudança

“É importante que as mulheres participem em todos os níveis do poder político. Acabavam os territórios proibidos, começava o caminho para uma mais justa distribuição das funções sociais” (Pintasilgo; 1991)

O avanço do Mundo sempre se fez de idas e voltas, de períodos de tranquilidade e de outros mais sobressaltados, e as mudanças resultam quase sempre do confronto e da reivindicação, das práticas e da necessidade. Ouvimos frequentemente a expressão de que as mentalidades não mudam por decreto, mas sabemos que um edifício legal construído sobre bases igualitárias contribui de forma determinante para a “naturalização” de atitudes, práticas e comportamentos diferentes. Resta saber que projeto social queremos alimentar e consolidar. Se inclusivo, contando com o contributo de todos os cidadãos, se excludente defendendo que só alguns estão aptos para o fazer. O campo educativo é um bom exemplo de como as leis podem ser importantes alavancas da mudança. Remontando aos séc. XVII-XVIII, ao período em que a educação escolar começa a ganhar importância, os primeiros utentes da escola foram rapazes de classes privilegiadas, estava nas mãos deles, rapazes e homens, a responsabilidade de conduzir os destinos da sociedade; o padrão de participação das mulheres na vida pública era desigual quando comparado com o dos homens e os seus destinos não implicavam nem exigiam outras competências que não as de cuidar da família e dos assuntos domésticos: a esfera pública era masculina e a esfera privada era feminina.

Progressivamente as reivindicações individuais de algumas mulheres, que se rebelam contra o poder patriarcal protagonizado por pais e maridos, vai ganhando espaço e assumindo-se como grupal. A escolarização das raparigas entra tarde no regular funcionamento das sociedades ocidentais, mas entra ditada por

leis que legitimam essas mesmas reivindicações e que já não são apenas defendidas por mulheres, os homens são os legisladores.

A entrada das mulheres noutros setores da vida pública, como o trabalho assalariado fora de casa e a atividade política, ou o simples direito de voto, foram alvo de resistências múltiplas no início (algumas mulheres e homens foram mortos por defenderem esses direitos), mas algumas dessas resistências ainda permanecem. Os exemplos individuais de mulheres que se afirmam nestes domínios revelam-se sempre como exceções e não como regra e tendem a servir de modelos. Como se a intervenção das mulheres na vida pública precisasse de uma espécie de portfolio de género constituído por todas as que conseguiram chegar lá e que legitimam as que ainda estão a fazer o caminho. Mas lá, onde? Daniel Innerarity, filósofo basco contemporâneo, refere no seu último livro que

“(…) as medidas para o acesso da mulher aos instrumentos de representação política devem basear-se num mero facto sociológico (que elas constituem, aproximadamente, 50% da população, enquanto há sistematicamente uma percentagem menor de mulheres nos cargos de responsabilidade política) e não de uma suposta qualidade essencial que viria remediar o desaguado provocado pelos políticos. As mulheres não estão mais próximas das pessoas, mas sim, desgraçadamente, mais afastadas da política. As políticas de «ação afirmativa» justificam-se pela mera demografia e não por uma qualidade distintiva que caracterizaria todas as políticas, além das siglas de cada uma. A diferença tem sentido para promover o acesso, não para orientar a atividade política das mulheres. A paridade teria cumprido o seu objetivo quando a atividade política das mulheres deixasse de ser algo específico e grupal.” (Innerarity; 2019:142)

Onde seria, então, o espaço público onde o exercício da política ganha

a expressão máxima, mas o mesmo autor alerta-nos para a armadilha em que as mulheres podem ser apanhadas referindo que:

“(…) Quando as mulheres fazem política de «mulheres», desenvolvendo uns supostos atributos de feminilidade (proximidade, humanidade, senso comum, propensão para o cuidado e a proteção, sensibilidade para o particular…) que são precisamente aqueles que as enclausuraram na privacidade, contribuem involuntariamente para expulsá-las do espaço público.” (Innerarity; 2019:142)

E aqui gostaria de acrescentar que enquanto o pensamento e a ação estiverem polarizados e dicotomizados entre homens e mulheres a sociedade na sua totalidade sairá a perder por falta de uma visão integradora que faça concorrer para concretizar os mesmos objetivos, os contributos de quem, independentemente do género, luta pelas mesmas causas.

Acabando como comecei, citando Maria de Lourdes Pintasilgo, partilho esta inquietude otimista “É em épocas de incerteza e turbulência que se manifesta a complexidade; os sistemas reorganizam-se e novos padrões podem emergir” (Pintasilgo; 1991). Maria de Lurdes Pintasilgo foi, até hoje, a única mulher a desempenhar o cargo de Primeira Ministra em Portugal. Se ainda estivesse viva completaria, neste ano de 2020, 90 anos. Partiu cedo, mas o legado de pensamento e ação que nos deixou merece atenção e estudo. A prová-lo deixo dois exemplos trazidos pelo ativismo de duas figuras femininas, jovens e inovadoras: Greta Thunberg, no domínio ambiental e Malala Yousafzai, no domínio da educação, cuja ação se tem tornado global e motor de outras ações e de novas cidadanias.

Cristina Gomes da Silva

Diretora da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal

Jovens e a política portuguesa

Quem se informa exprime “opiniões de forma sustentada”

A participação política é uma ação de vida em sociedade. Exprime as decisões que se tomam na esfera pública e que leva alguém a ser parte na tomada de decisão em um campo mais complexo do processo de governação. Este é um registo da opinião de quatro estudantes do Instituto Politécnico de Setúbal.

Os crescentes níveis de abstenção em Portugal são indicadores de um alheamento por parte dos eleitores em relação à vida política. Nas primeiras eleições após a Revolução 25 de Abril de 1974, registou-se o número mais elevado de eleitores nas urnas. Em abril de 1975, 92 por cento dos recenseados exerceram o direito do voto.

Esta realidade já está distante para quem nas últimas eleições legislativas viu o aumento dos níveis da abstenção atingir os 45,5%, o que corresponde a quatro milhões e 250 mil pessoas. Nestas 70 eleições que decorreram desde o pós-25 de Abril e o ano 2019, particularmente desde o início do século XXI, os jovens são apontados como os mais “desligados” da política em geral. Mariana Gomes, estudante do 3ºano de Comunicação Social na Escola Superior de Educação (ESE) – Instituto Politécnico de Setúbal (IPS), atribui uma grande importância ao direito de exercer o voto. Afirmar que, no seu entender, os elevados níveis

de abstenção devem-se a razões como “a falta de confiança na política em Portugal, a pouca diversidade e credibilidade dos candidatos políticos e nas suas propostas de campanha, a falta de conhecimento e informação por parte do público mais jovem”.

Num outro testemunho, José Silva, estudante de 3ºano da licenciatura em Desporto (ESE-IPS), tem uma outra perceção. Afirmar não ter procurado qualquer tipo de informação relacionada com os partidos que concorreram nas últimas legislativas. Revela ainda uma forte descrença na política ao afirmar que “o voto não tem qualquer tipo de importância”.

A era em que os resultados das eleições são acompanhados em três estações televisivas, em que os jornais on-line produzem gráficos interativos e infográficos detalhados antes e depois das eleições é, simultaneamente, a era em que o desinteresse em querer saber é crescente, particularmente,

junto dos jovens. Hoje existe mais informação disponível, nos mais diversos formatos, do que existia a 25 de abril de 1975, ano em que tantos portugueses votaram.

Apesar da internet e das redes sociais também funcionarem como meios de divulgação

Eurbarometer 455/European Youth; European Social Survey mostram que “nunca houve tão poucos jovens aptos a votar como agora”. Apesar dos dados já estarem desatualizados, não deixam de ser pertinentes para a análise, visto que os níveis de abstenção tendem a aumentar.

Neste mesmo inquérito, identifica-se que a web tem um papel preponderante junto dos jovens enquanto meio de partilha de conteúdos.

Diana Trancadas, estudante de 1ºano de Curso Técnico Superior Profissional (CTeSP) em Desportos da Natureza (ESE-IPS), apesar de atribuir importância ao voto enquanto direito e como uma liberdade individual,

refere que para si “a política em geral não tem grande impacto”. Nas últimas eleições deste ano não procurou informação sobre os programas eleitorais, apenas assistiu “ao que ia passando na televi-

são”.2

Robert Vedrasco, que frequenta o 2ºano na licenciatura em Gestão de Recursos Humanos na Escola Superior de Ciências Empresariais (ESCE-IPS), refere-se aos níveis de abstenção como “algo muito negativo”. Acredita que “se votassem [quem se absteve] faria com que os partidos dessem mais importância e atenção ao que fazem perante um país mais exigente.”

Apesar das entrevistas realizadas não serem representativas dos jovens em Portugal, tornou-se perceptível que quem apresenta uma forte descrença na política nacional foi também quem deu respostas mais fechadas, acabando por não justificar ou justificando de forma muito superficial os seus pontos de vista. Por outro lado, os estudantes que fazem uso dos vários meios de informação a que têm acesso, foram os que apresentaram as suas opiniões de forma sustentada, revelando até um maior à vontade para argumentarem sobre as questões relativas à política em Portugal.

Carolina Luz



por parte dos partidos, este fenómeno não significa que os cidadãos estejam melhor informados e mais capazes de tomar decisões. Em 2016, dados referentes ao Inquérito Social Europeu “Flash



Teresa Matos Pereira, docente na ESE de Lisboa

Os jovens deviam “olhar a educação como uma janela de oportunidade”



© Francisco Matias

Teresa Matos Pereira fala de forma muito assertiva sobre a importância da educação no dia-a-dia dos jovens. Exprime a opinião de que os jovens deviam “olhar a educação como uma janela de oportunidade para um futuro risonho”.

Uma das grandes preocupações de Teresa Matos Pereira enquanto docente é a luta constante que tanto professores como alunos têm de fazer face ao desinteresse que esta nova geração demonstra nas salas de aula. Aponta como uma das causas a falta de transmissão da mensagem em casa, pelos pais, ou nas escolas pelos professores. Alude que, por vezes, se assiste a que ninguém – pais e professores – queira assumir a responsabilidade pela falta de informação e motivação dos jovens. Salienta que são poucos os jovens que realmente dão importância à educação na sua evolução/formação enquanto cidadãos, que vivem numa sociedade regida por valores, regras, costumes, e no respeito que devemos ter uns pelos outros. E isso motiva que os mais prejudicados, os alunos, não reflitam nem vejam a educação como sendo realmente importante na obtenção de uma vida pessoal e profissional de sucesso. Teresa Matos Pereira é docente na Escola Superior de Educação de Lisboa, doutorada em Belas Artes, mestre em Teorias da Arte e licenciada em Artes Plásticas pela Faculdade de Belas Artes de Lisboa. É membro do Centro de Investigação e Estudos em Belas Artes (CIEBA-FBAUL) e do Centro Interdisciplinar de Estudos Educacionais (CIED-ESELx).

Participou em abril passado na 7ª Semana da Comunicação Social, realizada na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal. Nesta conferência abordou o estudo feito por si e pelos seus alunos do 9º ano a alunos do 5º ano, acerca de qual a opinião que estes jovens têm do ensino superior e qual a importância que lhe reservam no futuro.

A entrevistada admite que a curto/médio prazo se possa registar uma mudança dos jovens face à educação. Poderá existir alguma dedicação e interesse por parte dos jovens, por quererem saber mais e por depositarem alguma importância na sua formação académica e social. Mas para isso é necessário que

os envolvidos, pais, docentes e alunos, remem todos para o mesmo lado e cada parta assuma a sua responsabilidade perante uma questão tão importante. É a educação que nos catapulta para aquilo que seremos nas nossas vidas enquanto profissionais e habitantes deste mundo, que se quer assente numa base de respeito e de cidadania.

Jornal Repórter – Realizou um estudo com os seus alunos do 9º ano em que os entrevistados foram alunos do 5º. Visou saber que opinião tinham sobre o ensino superior. Sentiu que havia vontade por parte deles de ingressarem no futuro nesse nível de escolaridade?

Teresa Matos Pereira – Obviamente que, à partida, saberíamos que nesta fase de escolaridade em que estes jovens se encontram não poderíamos receber respostas refletidas e sólidas no sentido de terem já uma linha de pensamento direcionada para essa fase das suas vidas, mas o resultado foi melhor do que o esperado. Senti que pode estar ali uma alteração de tudo o que tem sido a evolução dos jovens ao longo destes anos na área educativa. Já existe em alguns deles conhecimento do que é o ensino superior, ou porque já ouviram falar em casa através de irmãos mais velhos, etc... Senti que querem viver o seu percurso de grau a grau, sem pressas de crescer, daí sentir-me satisfeita porque não obtive um desconhecimento generalizado acerca desta matéria. Ob-

servei jovens com vontade de aprender e isso faz-me acreditar que podem chegar bem longe.

Atualmente não observamos muitos jovens a quererem ingressar no ensino superior, aponta algum motivo para que isso aconteça?

Considero que muitos jovens quando chegam à altura de decidir se vão ou não para o ensino superior acabam, por vezes, por dar uma resposta precipitada e irrefletida sem a procura de pessoas especializadas que ajudem no sentido de tomar a melhor decisão. Existem muitos que definem apenas finalizar o 12º ano e seguir uma vida profissional e temos que respeitar as suas decisões, considerando que é o melhor para o seu futuro. No entanto, a grande maioria penso que demonstram vontade de ingressar, mas por vezes a falta de apoios financeiros é uma das grandes causas para não vermos mais jovens na faculdade.

Quero demonstrar o meu apreço pelos

apoios que têm sido criados para combater este problema, nomeadamente as bolsas de estudo que solucionam e apoiam muito as famílias portuguesas no enfrentar das dificuldades financeiras com que todos nós nos deparamos nas nossas vidas.

Acredita que o ensino superior é um marco importante a atingir, de modo a ganhar competências e experiência para o futuro?

Sim, sou da opinião que quando essa possibilidade é alcançável todo o jovem deve, salvo algumas exceções e preferências pessoais, ingressar na universidade visto que, acaba por ser uma nova forma de obter conhecimento, de conhecer pessoas novas que nos vão transmitir experiências, conselhos e aprendizagens para o nosso futuro profissional.

É uma porta que se abre em virtude do trabalho árduo feito por todos no alcançar de um caminho que se espera rico e triunfante ao longo das suas vidas pessoais e profissionais.

O receio de entrar no ensino superior, deveria ser acautelado desde início pelos professores do básico e secundário, ou seja, tentar passar uma mensagem explicativa do que é esta etapa académica?

Penso que essa mensagem deve começar a ser uma realidade para os jovens, quando ingressam no básico. De uma forma ligeira e clara tentar passar-lhes as primeiras informações de como funciona este tipo de ensino e, gradualmente, através das várias etapas que o estudante vai ultrapassando, essa mensagem seja cada vez mais aprofundada, para quando chegarem ao secundário já terem uma noção real do que se trata e a partir daí optarem pelo caminho profissional que consideram mais produtivo para as suas vidas.



© Francisco Matias

Pés no terreno e uma mão-cheia de palavras

O que o título exprime são metáforas. Usadas aqui para dar correspondência a ações que os jornalistas executam. Quem pretenda seguir essas pisadas deve pôr-se ao caminho. A ideia não dispensa a ação e o caminho não se faz por si.

O jornalismo é algo mais denso e complexo do que a caricatura que por vezes dele se faz. Requer o aparato teórico, mas também a práxis, a ação orientada para um fim. Requer os pés no terreno, o juízo racional e a mão-cheia de palavras que conformem o relato.

Militares e jornalistas, apesar de todas as diferenças, partilham metáforas, métodos e até a forma de tratamento. Uns e outros tratam-se por camaradas, uns e outros estão em serviço. Quando o fazem, os militares dizem estar com as botas no terreno. Para os jornalistas, pés no terreno parece-me a expressão mais adequada.

Partilham também o modelo de Cícero: Quem?; O quê?; Quando?; Onde?; Como?; e Porquê? A estas seis perguntas, que traduzem a estrutura do lead da notícia, podem acrescer duas outras questões: Com que meios ou instrumentos?; e Para quê? Os jornalistas também adotaram o método da busca da verdade e da verificação do general ateniense Tucídides.

A sua metodologia buscava a factualidade, presenciando «pessoalmente os acontecimentos». Mas quando tal não ocorria, baseava-se em «testemunhas oculares cujas descrições confirmei o mais aprofundadamente possível». Ainda hoje, a presença do jornalista enquanto testemunha do acontecimento é uma das fontes da sua autoridade.

O que nos leva de novo em serviço ao terreno onde os acontecimentos ocorrem. No terreno, o jornalista procede a uma observação direta que se baseia nos sentidos: ver, ouvir, tocar, cheirar e mesmo saborear. O objetivo é recolher factos, dados e experiência autêntica, mediante as notas que se apontam, os inquéritos por questionário que se realizam ou as entrevistas que se fazem.

As ações desenvolvidas por estudantes no âmbito da atividade letiva ou o trabalho produzido no Jornal Repórter visam pôr os pés ao caminho. Estarem no terreno para terem experiência própria. Para levarem à prática os conhecimentos teóricos aprendidos. Mas também para que tomem conhecimento de realidades para além do seu interesse pessoal e terem contacto com pessoas, situações e temáticas que suscitem re-



© Fernando Pinho

flexão sobre o mundo lá fora.

A aplicação de inquéritos por questionário, a realização de entrevistas a vendedores ou artistas de rua e a produção de reportagens constituem uma etapa para criarem trabalho seu. Serve não só a avaliação do seu percurso letivo, como constitui um factor de socialização subjectiva e de identificação de capacidades próprias.

CONHECIMENTO PRODUZIDO PELO JORNALISMO

O conhecimento produzido pelo jornalismo continua a ser tema em debate. Robert Erza Park, que começou por ser jornalista e depois se tornou sociólogo e um dos fundadores da Escola de Chicago, tomou a iniciativa de o abordar pela primeira vez num artigo que publicou em 1940, no *The American Journal of Sociology*. Fê-lo com base no estudo de um outro norte-americano.

William James constatou em 1896 a existência de dois tipos fundamentais de conhecimento. Com base nesses tipos – o conhecimento de familiaridade (informal, intuitivo e resultante da experiência) e o conhecimento sobre (formal, racional e sistemático) –, Park reflectiu sobre a forma de conhecimento que as notícias proporcionam.

Considerou que as notícias podem ser integradas num contínuo que seja concebido pelo carácter e função dos dois tipos de conhecimento. As notícias têm um lugar próprio e proporcionam um conhecimento distinto dos outros. «As

notícias desempenham as mesmas funções para o público que a percepção para o indivíduo», segundo escreveu. A sua função «é orientar o homem e a sociedade no mundo actual».

Park teve o mérito que qualificar a função que o jornalismo desempenha no contexto do conhecimento. Iniciou um processo cuja discussão ainda decorre, no sentido de conferir validade ao conhecimento produzido e para que os jornalistas adquiram maior «espírito científico», como notou Walter Lippman em duas das suas obras.

O título poderia induzir a ideia de que o jornalismo é uma disciplina que se restringe à prática e à técnica. Mas não é, e cerzir essas duas dimensões (teoria e prática) deve ser o objeto da escola e o da oficina. Vítor Brotas, médico no Hospital dos Capuchos, faz uma síntese esclarecida do que importa aprender, nomeadamente a relação humana, que é fundamental em medicina.

Afirma também que «é preciso olhar, ver e saber analisar o que está a acontecer. Temos de adquirir a capacidade de ver, reconhecer e interpretar, fazer essa abstração mental, e traduzir em palavras corretas o que estamos a fazer.» Será adequado à medicina, mas também é imprescindível ao jornalismo.

AS PALAVRAS NOSSAS E AS DOS OUTROS

Se informar é dar forma, torna-se necessário uma ou mais mãos-cheias de palavras que configurem o relato. Pri-

meiro, palavras nossas para tomar nota das observações que se fazem e para conceber as perguntas que se colocam. Depois, as palavras dos outros que atribuem sentido às ações que executam. A linguagem jornalística deve ser simples, concisa e rigorosa, mas também compreensível, densa (com propriedade, substância), autêntica e original, entre outros atributos sobre os quais reflectiu e escreveu com sabedoria

o jornalista Daniel Ricardo no seu manual. Os livros de normas, os manuais de redação ou os livros de estilo ocupam-se das questões gramaticais, estilísticas e de produção editorial jornalística. São ferramentas imprescindíveis no trabalho do profissional e um complemento à aprendizagem que se adquire na redação.

«A aproximação entre a linguagem escrita e a linguagem falada, a economia de espaço e a uniformização das formas de apresentação do material noticioso, em especial de certos termos e expressões, são algumas das propostas aqui apresentadas», segundo se lia na introdução do Livro de Normas de «o diário» (1978). Essa foi a primeira ferramenta do tipo com que tive contacto. Acrescentava-se que o estilo uniforme não implicava monotonia como também não limitava nem coibia «a criatividade e a imaginação. Pelo contrário, quando se baseia em padrões de qualidade, assegura a correcção de todas as variações formais, prossegue fins pedagógicos e simplifica a tarefa do jornalista.»

Nessa redação trabalhava também Daniel Ricardo. Anos mais tarde, na redação de «O Jornal» produziu o Manual do Jornalista. Com o estudo e experiência adquiridos, Daniel Ricardo publicou em 2003 o livro Ainda bem que me pergunta. Manual de escrita jornalística.

Com os pés no terreno, as ideias cristalinas e arrumadas, um propósito e palavras por companhia, não há caminho que falte ao jornalismo. A sua existência representa um serviço público prestado à comunidade.

Luís Neves, diretor e consultor do Estúdio de Comunicação

A “experiência da imprensa regional” forma melhores jornalistas

A situação geográfica, uma Península de Setúbal com tecido empresarial forte, e a existência de imprensa regional colocam um desafio aos estudantes que queiram enveredar pelo jornalismo. A imprensa regional “é aquela que está mais próxima das pessoas, é a que tem uma margem de crescimento maior”.

Luís Neves vê essa escolha não só como uma eventual etapa no percurso de vida, a entrada na profissão, mas também como uma fase enriquecedora. “Pode ser um excelente caminho. Um jornalista de imprensa nacional, se tiver passado pela experiência da imprensa regional, é certamente um melhor jornalista.”

A entrevista a Luís Neves decorreu no anfiteatro da Escola Superior de Educação, do IPS, após a sua participação, em 3 de abril, na 7ª Semana da Comunicação Social. Questionou-se o entrevistado sobre a sua visão quanto a eventos deste tipo e, essencialmente, sobre a imprensa regional nos dias de hoje.

Luís Neves é o atual diretor e consultor do Estúdio de Comunicação. Licenciado em Comunicação Social e mestre em Museologia, lecionou em diversas universidades e trabalhou como assessor do Ministro da Cultura nos XV e XVI Governos Constitucionais.

Jornal Repórter - Gostávamos de saber qual é o seu *feedback* sobre a sessão de hoje e sobre este tipo de eventos, realizados na escola, que nos dão oportunidade de contactar com pessoas da área.

Luís Neves - Começando do particular para o geral... Sobre esta sessão em concreto, sobre o problema da imprensa regional, acho muito interessante que, os alunos de comunicação, jornalismo, etc., possam pensar sobre a área que estão a estudar, também na perspetiva de futuro, não só enquanto aprendizagem, de técnicas, matérias e informação, mas também sobre a área em que vão trabalhar, inclusivamente sobre a imprensa regional.

Setúbal tem uma imprensa regional forte. A Península de Setúbal é uma área geográfica com características próprias, com tecido empresarial forte e tem imprensa regional, portanto faz todo o sentido que os alunos que estão aqui a estudar, possam refletir sobre essa área. E em conjunto, com vários agentes, professores e profissionais que estão a trabalhar, professores de outras universidades, de outros contextos,

com jornalistas, com a Agência Lusa, etc., parece-me que faz muito sentido. A nível geral, o Instituto Politécnico tem de estar de portas abertas para o contexto em que se insere, porque isso faz parte da ligação que é preciso ter ao mundo real.

Se tivesse de caracterizar em breves palavras a imprensa nacional e a regional, o que é que diria? Como as adjetivaria? E o que é que as distancia?

A imprensa vive, tanto a nacional quanto a regional, tempos de mudança e de incerteza. Se calhar não fazia uma separação tão grande entre as duas porque muitos dos problemas que afetam a nacional, afetam também a regional. Parece-me que a imprensa regional é neste momento um grande desafio.

É um desafio para os estudantes, para os grupos que estão instalados, para os profissionais que neste momento trabalham nela, porque é aquela que está mais próxima das pessoas, é a que tem uma margem de crescimento maior, é a que pode traduzir mais facilmente os desejos e necessidades das populações locais, e portanto parece-me que há uma margem grande de progressão.

Apesar de todos os problemas, é um campo de trabalho muito fértil e vai ser um campo de trabalho muito bom para quem vai entrar no mercado de trabalho. Pode ser uma ótima experiência. Eu estou a imaginar muitos dos jornalistas, vocês que estão aqui a estudar...

Sim...

Muitos, se têm como objetivo, e se entram na profissão como jornalistas, podem perfeitamente ter uma experiência na imprensa regional que vos enriquece, construir a vossa carreira, e depois passar para a experiência da imprensa nacional. Pode ser um excelente caminho. Um jornalista de imprensa nacional, se tiver passado pela experiência da imprensa regional, é certamente um melhor jornalista.

Bem, na verdade isso já é a resposta à pergunta seguinte. Tinha aqui para



© Francisco Matias

lhe perguntar... Para nós, futuros profissionais, para alguns de nós que queremos jornalismo, aconselhava a que ficássemos num meio regional ou que tentássemos logo ir para um meio nacional? Temos muitas interrogações deste tipo... No caso, vemos que há descrédito para com a imprensa regional, mas também se entende que é nela que há oportunidade para pôr mais as mãos na massa e fazer um pouco de tudo.

Se nós pensamos no jornalista, pensamos no assessor de imprensa como a pessoa que está do outro lado

Os percursos são construídos muito ao acaso... Às vezes, mesmo que tenhamos um objetivo, há uma oportunidade naquele momento, num determinado meio e nós seguimos por aí, e depois o futuro é ditado por essa nossa primeira oportunidade. Portanto às vezes nem dá para escolher e são as oportunidades que surgem. Em termos teóricos e ideais, julgo que uma passagem

pela imprensa regional pode ser muito enriquecedora para o futuro, independentemente de continuarem ou não nela.

Mas dá um calo, dá um conhecimento da realidade local, dá um conhecimento muito grande do que são os contextos locais. Os problemas, na imprensa regional, sentem-se de uma forma muito forte, portanto, chegar a um meio nacional depois de ter passado pelos regionais é certamente uma grande vantagem. Depois tem a ver também com o perfil de cada um. Se calhar há alunos ou profissionais que se identificam mais com um trabalho a nível local, outros a um nível nacional. O que é verdadeiramente importante é cada um de nós fazer o trabalho de uma forma séria, construir o seu percurso e depois as oportunidades vão aparecendo.

Só para terminar, a título de curiosidade, visto que é algo que não falamos muito no curso... sei que foi assessor de comunicação de um dos ministros da Cultura, e como tal, o que é que efetivamente um assessor faz? A partir daqui, podemos ser assessores, é uma das nossas saídas, mas que realidade é essa?

O assessor é quem está do outro lado. Se nós pensamos no jornalista, pensamos no assessor de imprensa como a pessoa que está do outro lado. É um mediador entre uma instituição, ou personalidade, ou um cargo, e o jornalista. O que nós fazemos é preparar toda a informação, todo o discurso que a instituição ou aquela pessoa tem, prepará-lo e fazê-lo chegar ao jornalista, ser um mediador.

É impossível uma pessoa que ocupa, falando especificamente do cargo do ministro, estar constantemente a atender telefonemas de jornalistas, estar a responder diretamente, e, portanto, há alguém que faz essa mediação. Nós preparamos tudo o que tem a ver com discurso, preparamos todas as saídas,

Dora Santos Silva, professora na FCSH-UNL

O jornalista “tem de ter o papel de educador”

todos os comunicados que são feitos, recebemos todos os pedidos dos jornais e dos jornalistas e dos meios que são feitos... E tratamos de dar seguimento, muitos dão em entrevistas outros em respostas por escrito...

E fazemos muito trabalho em *off* também, ou seja, falamos muito com jornalistas no sentido de ir dando informação, mesmo que não seja para fazer notícia, esclarecendo dúvidas... Acontecia muita vez, por exemplo, um jornalista estar a fazer peças sobre determinados assuntos, naquele caso, sobre o Ministério da Cultura, e telefonavam-me a perguntar: ‘Luís eu tenho aqui uma dúvida... Como é que a casa da música funciona?... Como é que é a nomeação do novo diretor do museu de arte antiga?’.

As respostas eram todas dadas por si?

Sim, há muitas coisas que nem chegam ao titular porque nós conseguimos dar resposta. Por exemplo, em Setúbal, o Convento de Jesus esteve em obras.... Qualquer coisa. Nós estamos em constante contacto com os jornalistas. Naquele caso com os de cultura ou os de política, dependendo do tipo de solicitação. E depois, marcávamos toda a agenda mediática do titular. Tudo o que são entrevistas, pedidos de respostas etc, etc.

Para além disso depois depende da pessoa com quem se trabalha, porque o trabalho de assessor tem muito a ver com a personalidade da pessoa com que se trabalha. Preparar discursos, por exemplo.... Há ministros que querem ser eles a escrever os discursos, outros que preferem que alguém escreva e depois eles reescrevem. Preparar dossiers com informação, etc.

Tem muito a ver com o perfil da pessoa, que era o que eu dizia. Se for uma pessoa que seja mais interventiva, se calhar o nosso papel é mais discreto. Se for uma pessoa que peça mais de nós, nós também temos que dar. E temos sempre que respeitar a personalidade da pessoa com que trabalhamos. Depois é um cargo de muita confiança. Nós ouvimos muitas coisas, temos acesso a muita informação e temos de saber muito bem que tipo de informação podemos passar ou não.

Marta Raimundo

Dora Santos Silva é perentória quanto ao que considera ser uma necessidade de transformação do papel do jornalista. O jornalista deve “ter o papel de educador”, deve contribuir para eliminar os preconceitos que existem na sociedade.

Dora Santos Silva participou na 7ª Semana da Comunicação Social, realizada na manhã de 2 de abril. Ainda no rescaldo dos mediáticos conflitos entre as forças policiais e os moradores do Bairro da Jamaica, a investigadora abordou a importância do jornalismo no retrato de minorias sociais (negros, LGBTI, refugiados) que é difundido pelos meios de comunicação social. A conferência “O Poder da Cultura: Política, Informação, Produção” foi palco de debate sobre o papel da cultura enquanto ferramenta educacional no combate ao preconceito. Dora Santos Silva considera que “uma possível solução passa pela renovação do papel do jornalista. Este tem de ter a capacidade de ir mais além e de explicar. Em vez de o jornalista ser apenas um intermediário de notícias, ele tem de ter o papel de educador”.

“Uma possível solução passa pela renovação do papel do jornalista. Este tem de ter a capacidade de ir mais além e de explicar”

Dora Santos Silva é professora na licenciatura em Ciências da Comunicação e no mestrado em Jornalismo da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (FCSH) da Universidade Nova de Lisboa (UNL). A formação académica da docente está intimamente ligada às áreas da comunicação e da cultura. Licenciou-se em Ciências da Comunicação, fez mestrado em Cultura Contemporânea e Novas Tecnologias e doutorou-se em Mídias Digitais, pelo programa UT Austin - Portugal. Além da atividade docente, Dora Santos Silva colaborou como jornalista em várias publicações nacionais e internacionais e é autora da obra “Cultura e Jornalismo Cultural – Tendências e Desafios



© Francisco Matias

professora refere a proximidade com o público mais jovem como fator importante na educação. É necessário “estar onde o público está. Se os jovens estão no Youtube, temos que ir para o Youtube; se estão no Facebook, temos de ir para o Facebook. Não vamos comunicar com os jovens através de uma obra extremamente abstrata”.

Jornal Repórter – Enquanto docente, qual considera ser o papel do ensino superior no combate ao preconceito?

Dora Santos Silva

– Já tento fazer o meu papel. Na comunidade académica, eu vejo os alunos de licenciatura e mestrado e tenho muita esperança neles. Penso que daqui a duas ou três gerações estas questões já não vão ter sentido. Ainda bem!

Referiu que somos privilegiados por termos acesso ao ensino superior. No entanto, para quem não tem acesso a este nível de educação, qual seria uma medida para ajudar estas pessoas a quebrar os seus preconceitos?

O preconceito não tem idade, nem estatuto social. Há muitas pessoas que tiveram acesso ao ensino superior, que têm todas as condições para conhecer o mundo, e, por vezes, são preconceituosas. De facto, vocês [estudantes] são privilegiados porque aqui são expostos a todo o tipo de discurso. São sensibilizados para isso.

Imagine o que é uma pessoa que vive, desde pequenina, no seio de uma comunidade de extrema-direita (vamos supor), extremamente xenófoba, racista. Se essa pessoa não conseguir sair dessa redoma, vai perpetuar essa forma de pensamento. Parte das pessoas tem curiosidade natural, espírito crítico e saírem da sua zona de conforto.

Rui Capelo

no contexto das indústrias culturais e criativas”. Exerce, ainda, funções de coordenação no Observatório da Inovação nos Media e Indústrias Criativas e na pós-graduação em Comunicação de Cultura e Indústrias Criativas.

Com vasta pesquisa e intervenção no campo cultural, a docente aponta a cultura como basilar para clarear visões preconceituosas. Podem ser utilizadas várias formas de expressão e usados os veículos de comunicação que conduzam a quem se quer abarcar.

“Penso que a arte urbana é uma das formas mais democráticas de cultura, está disponível para toda a gente, basta passear na rua. É uma das formas de expressão mais democratizadora e libertadora”, afirma Dora Santos Silva. Mas não é a única. Acrescenta que a literatura “é das práticas artísticas que tem mais poder para nos moldar o pensamento”.

Além da contemplação artística, a

“arte urbana é uma das formas mais democráticas de cultura”

Rita Figueiras, professora na Universidade Católica Portuguesa

“Abundância de informação nem sempre significa melhor comunicação”

Rita Figueiras valoriza a imprensa regional, a qual cria conhecimento sobre o local, cria a noção de pertença e tem o efeito preventivo de escrutinar os poderes. A investigadora comenta as novas formas de comunicação, as redes sociais, para afirmar que “a abundância de informação nem sempre significa melhor comunicação”.

Rita Figueiras, para além da sua carreira enquanto investigadora e professora na Universidade Católica Portuguesa, também se distingue pelos seus livros publicados, onde aborda vários fenómenos atuais como “O Efeito Marcelo”, “O Comentário Político na Televisão” publicado em 2019 e “A Mediatização da Política na Era das Redes Sociais” de 2017.

Investigadora na área da Comunicação Política e professora associada na Universidade Católica Portuguesa, fala sobre as particularidades da imprensa regional, sobre o futuro do jornalismo e ainda sobre as mudanças da comunicação nos dias de hoje. A entrevistada foca o seu trabalho nas áreas da Comunicação Política, Economia Política dos Media, do Jornalismo Político. Participou na 7ª Semana da Comunicação Social, que decorreu em abril, no anfiteatro da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal. Durante a conversa com o Jornal Repórter,

Rita Figueiras realça a importância da imprensa regional, isto porque sem a mesma as populações perdem “conhecimento sobre a sua região” e também “oportunidade de os meios poderem questionar o poder político”.

A professora admite ainda os atuais problemas que o jornalismo enfrenta e alude a possíveis soluções. Reconhece que “uma sociedade democrática só existe se houver jornalismo”.

Jornal Repórter – Face os problemas que o jornalista enfrenta nos dias de hoje, tal como referiu durante a sua apresentação, quais são as possíveis soluções?

Rita Figueiras – Como tive oportunidade de dizer durante as minhas intervenções, acho que a maior viabilidade é encontrar, é tentar associar o jornalismo a outro tipo de negócio. Poderá ser uma via para encontrar uma fonte de financiamento, de ligações ao turismo, de ligações a outras áreas de atividade porque, de facto, os modelos mais tradicionais da publicidade, os modelos de financiamento do Estado estão um pouco esgotados. Portanto, sem dar nenhuma solução porque também depende um pouco dos contextos locais, acho que faz falta associar o jornalismo a outros projetos: organização de eventos, espetáculos, conferências. Com a realização desses eventos, o que se faz em bilheteira, o que se consegue em apoios, algumas dessas verbas serem canalizadas para fazer o jornalismo, por exemplo.

No seu entender porque muitos órgãos regionais acabam por fechar?

Precisamente porque têm uma conceção mais tradicional destes modelos de negócio, que não viabiliza tanto. Por outro lado, é mais exigente fazer jornalismo local. Tem que estar a procurar os temas, tem que ir tentando fazer agendas alternativas para os assuntos que são relevantes na

© Francisco Matias



dar a debater os temas. E, sobre as questões que são relevantes para as decisões que vão ser tomadas, tem a função muito, muito importante, que é a do escrutínio do poder político. Exigir a justificação de determinadas decisões e também, quando estão a fazer esse escrutínio, estão a prevenir abusos de poder. Isso é fundamental em democracia.

Uma vez que a forma como as figuras políticas comunicam mudou, ou seja, anteriormente usavam os meios tradicionais como rádio, a televisão e a imprensa e agora fazem-no através das redes sociais, acha que esta mudança pode ter outros efeitos?

região e, tudo isso, requer uma equipa dinâmica, um grande esforço, um grande empenho e isso nem sempre se verifica. Portanto, as condições são adversas, pede muita energia, muita dedicação e procura da informação onde ela nem sempre é evidente e isso nem sempre é fácil de fazer.

Quando um meio fecha, o que é que uma população perde?

Perde muito. Perde conhecimento sobre a sua região, perde também oportunidade de os meios poderem questionar o poder político, a construção de uma maior massa crítica na sociedade. Perde tudo aquilo que é importante para construir uma comunidade, para exigir dos políticos e perde também a construção do envolvimento das populações nas suas terras.

O que falta à imprensa regional?

Então, o que falta muito é sangue novo para se conseguir ter outra forma de perspetivar as coisas e ter mais garra.

Para si, qual é a importância dos jornalistas nos dias de hoje?

É fundamental. Uma sociedade democrática só existe se houver jornalismo, porque o jornalismo funciona para dar informação à sociedade. Também serve para as pessoas tomarem decisões informadas, também funciona para aju-

Com certeza que altera e é uma forma de muitas vezes os políticos falarem diretamente com a população, sem passarem pelos jornalistas. Mas acho que às vezes dá-se demasiada atenção ao que as pessoas estão a escrever nas redes sociais. Por exemplo, o Donald Trump, que é um caso muito conhecido de quem usa o Twitter abundantemente. Mas, talvez, 90% das coisas que o Donald Trump escreve no Twitter não têm relevância nenhuma.

Portanto, deve-se também relativizar. A abundância de informação nem sempre significa melhor comunicação e, portanto, penso que muito do que é aí dito deve ser negligenciado. Não é só porque se utiliza um novo meio, não é só porque é alguém importante a dizer qualquer coisa que torna relevante o que está a ser dito. Há uma enorme banalização. Fala-se, fala-se, fala-se e a maioria das coisas não tem relevância. É não achar que tudo o que é dito tem uma grande importância e isto é uma grande aprendizagem sobre as novas formas de comunicação. Os políticos usam abundantemente, mas o que eles querem é ocupar tempo e espaço dos jornalistas com as coisas que lhes interessam. E, muitas vezes, o que lhes interessa não tem importância para ninguém senão para eles próprios.

Sofia Raichande



© Francisco Matias

Sofia Martins, secretária-geral da Associação de Municípios da Região de Setúbal

Facebook: “O contraditório é simulado e não verdadeiro”

Sofia Martins reconhece as vantagens do Facebook, mas considera que “não substituem a relação olho-no-olho, face-a-face, em que o contraditório, aí sim, é rico e esclarecedor”. Acrescenta que o espaço público é o meio mais adequado para o debate político.

A rede social criada por Mark Zuckerberg “permite uma interação direta” com os cidadãos. No entanto, Sofia Martins assinala alguns aspetos que comprometem a seriedade da comunicação via Facebook. “Não são plataformas preparadas para o contraditório. Colocam as pessoas numa plataforma relativamente escondida, em que o contraditório é, muitas vezes, simulado e não verdadeiro. Isto, para não dizer falso.”

Todavia, aponta a utilidade da plataforma Facebook como meio de comunicação entre as autarquias e os munícipes. Sofia Martins participou na 7ª Semana da Comunicação Social, realizada em abril passado. Interveio na conferência “A informação e comunicação política de proximidade” e foi entrevistada pelo Jornal Repórter.

Sofia Martins é engenheira técnica civil de profissão. Tem vasta experiência na esfera política, em particular no poder local. Exerce o cargo de vereadora na Câmara Municipal do Barreiro e foi vice-presidente na mesma autarquia entre 2009 e 2017. No currículo consta ainda a qualidade de membro do Conselho Geral da Escola Superior de Tecnologia do Barreiro e do Conselho Consultivo da Entidade Reguladora dos Serviços de Água e Resíduos (ERSAR), de 2015 a 2017.

Foi também representante do Município do Barreiro na AMARSUL e na SIMARSUL entre 2009 e 2017. Participou na Assembleia Intermunicipal da Associação Intermunicipal de Água da Região de Setúbal (AIA) e do seu Conselho Directivo entre 2009 e 2013, na Assembleia Intermunicipal da Asso-

ciação de Municípios da Região de Setúbal (AMRS) desde 2009 e vice-presidente do Conselho Directivo da AMRS desde Novembro de 2013 até Dezembro de 2017.

Apesar das vantagens da plataforma Facebook, Sofia Martins realça a importância dos meios de comunicação social. “Os meios de comunicação social têm uma questão que não existe na informação municipal: colocam vários níveis de pensamento em contradição, num único espaço. Enquanto na informação institucional esta pretende informar sobre uma política”, refere.

A engenheira alude ainda ao apuramento da verdade enquanto função primordial dos jornalistas. “Têm essa exigência de ir mais longe, investigar, perceber impactos que essa notícia trouxe para o terreno e perceber se existem outras vozes que se querem pronunciar sobre esse impacto”.

Sofia Martins afirma que o jornalismo é “um serviço público essencial que o poder local não pode, não tenta, nem consegue substituir. Esse é um espaço que está reservado à comunicação social e que tem de existir. Tomara nós, que existissem mais jornais.”

Jornal Repórter – Quais são as dificuldades que identifica nas autarquias, no que diz respeito à comunicação? E qual seria uma possível solução para as colmatar?

Sofia Martins – Conheço muitos exemplos de superação de problemas. Existem algumas autarquias que ainda têm de fazer alguns reparos. Mas o principal desafio é criar um espaço de



© Francisco Matias

tina as políticas, de existir mais informação. E, portanto, isso obriga que as políticas públicas sobre comunicação sejam alvo de um financiamento maior para essas questões, por parte de cada autarquia. Agora, acho que ainda há um caminho longo para se fazer.

Na sua perspectiva, qual o contributo que o poder local pode dar para o exercício da comunicação?

comunicação no qual várias vozes se possam pronunciar. É esse canal aberto que tem que existir e permanecer. Não sei muito bem como é que isso se faz, mas deixo o campo aberto à Escola Superior de Educação, para pensar como é que nós criamos espaços em que o contraditório possa acontecer de forma clara. Para que se possa promover ainda mais a participação das pessoas.

Considera que os fundos estatais marginalizam a comunicação?

É um tema ainda muito pouco falado. Embora hoje nas autarquias o peso da comunicação começa a ser bastante superior. Ou seja, começa a existir uma reivindicação, por parte de quem escre-

As autarquias têm, por si só, um dever imenso de comunicar com os seus munícipes. Aliás, essa é uma relação que assumem no dia em que são constituídas, é poderem, claramente, cambiar órgãos e mecanismos de comunicação que agilizem a relação entre os munícipes e os autarcas. Portanto, têm de criar, obrigatoriamente, uma série de mecanismos que permitam que as pessoas que, no fundo, vão escrutinar as políticas públicas, possam saber continuamente o que se está a fazer a cada passo, a cada momento, sobre tudo o que se passa na sua comunidade.

Rui Capelo



Mónica Salvador Duarte, chefe de Divisão da Cultura da CM de Setúbal

“Continuamos a ouvir muito: ‘Ah! isso estava a acontecer?’”

A pergunta é vital: “Como é que comunicamos isto?” Quem a coloca é Mónica Salvador Duarte. E não é uma pergunta de retórica. Fá-lo para reflectir, com a consciência de que se a mensagem não for bem comunicada é como se não tivesse acontecido. Perde o público e perde quem promove o acontecimento.

Mónica Salvador Duarte realça a importância de uma comunicação eficaz. Fê-lo na conferência “O Poder da Cultura: Política, Informação, Produção”, que decorreu no dia 2 de abril passado, na 7ª Semana da Comunicação Social, na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal, e na entrevista ao Jornal Repórter.

Para a chefe da Divisão da Cultura do Departamento Municipal de Cultura, Desporto, Direitos Sociais e Juventude, cargo que exerce na Câmara Municipal de Setúbal, “mais do que uma agenda de eventos” é necessário que se compreenda como se chega a diferentes públicos. “Apesar de termos muitas iniciativas com casa cheia, continuamos a ouvir muito ‘Ah! isso estava a acontecer?’”, afirma. Uma das soluções passa pelo estudo na área da comunicação. “É importante que quem estuda estas áreas [de comunicação] nos ajude a encontrar novos mecanismos de comunicação”, salienta Mónica Salvador Duarte.

Pós-graduada em Gestão e Programação Cultural pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias e licenciada em Animação Sociocultural pela Escola Superior de Educação do Instituto Jean Piaget, Mónica Salvador

Duarte tem vasta experiência em gestão pública. Antes da autarquia de Setúbal desempenhou funções na Câmara Municipal do Barreiro.

A elaboração de um programa cultural obedece a vários critérios. “É um trabalho que tem de ser feito a longo prazo pela Divisão da Cultura, não se decide de um ano para o outro”. A chefe da Divisão da Cultura da Câmara Municipal de Setúbal salienta que estão “com uma forte incidência no trabalho de serviço educativo. Importa-nos muito criar uma habituação de assistir à cultura e de participar”.

Mas desengane-se se pensa que este serviço se dedica exclusivamente às camadas mais jovens. Segundo Mónica Salvador Duarte, “o serviço educativo pode ir dos zero aos cem”. Acrescenta que querem “também que não sejam projetos massificados. Estamos a tentar trabalhar para nichos porque é fundamental termos diferentes manifestações artísticas”.

Jornal Repórter – Quais as atividades que a autarquia de Setúbal pensa desenvolver no âmbito cultural?

Mónica Salvador Duarte – Temos já muita programação até ao final do ano.



© Francisco Matias

Ilustração, Festival Exib, com 23 músicos ibero-americanos; as marchas populares. E claro que me estou a esquecer de muita informação.

A autarquia sente que há recetividade por parte do público setubalense?

Sentimos a recetividade. No entanto, a grande questão para a Divisão de Cultura é: como é que comunicamos isto?

Então, a solução para uma maior recetividade do público em geral passaria, essencialmente, pela comunicação?

Trabalhamos com muita antecedência. Para além da programação regular do Fórum Municipal Luísa Todi, que irá receber vários concertos, a Casa da Cultura tem uma programação bastante regular com vários concertos ao fim-de-semana. Temos os debates que existem ao fim-de-semana, na área da filosofia, da literatura ou da poesia. Teremos a celebração dos 45 anos do 25 de Abril com o Jorge Palma. O Festival de Música de Setúbal, a Festa da

Para além do trabalho contínuo que temos que fazer, existe sempre a questão ‘o que não se comunica, é como se não acontecesse’. Imagine que teríamos em Setúbal os U2. Se não comunicarmos, não se sabe que eles estiveram cá. É aí que quero chegar, se não estiver bem comunicado acaba por ser um trabalho inglório.

Rui Capelo



© DR



Quiosque em Setúbal (foto de arquivo)

Barreiro

O jornalismo e o jornalista em constante adaptação

Nós, estudantes de Comunicação Social, começamos a perceber desde o 1º ano da licenciatura quais são as funções do jornalismo, como se faz jornalismo e o impacto que o trabalho do jornalista tem sobre a vida das pessoas e o mundo.

Os jornalistas não são apenas divulgadores de informação, são também formadores da opinião pública e contadores de histórias. Mas qual a opinião das pessoas relativamente ao jornalismo e aos jornalistas?

Algumas delas salientam que os jornalistas são instrumento muito importante de divulgação de informação na nossa sociedade, desde que não pratiquem um jornalismo baseado em rumores ou suposições, mas sim em informação correta e fidedigna, já que o jornalismo sensacionalista é cada vez mais uma realidade alarmante.

Dizem ainda que o jornalismo consegue deixar claras algumas situações e que ajuda na tomada de posição sobre diversas temáticas. Forma ideias, quer

seja na decisão de um partido quer em assuntos banais.

Outros afirmam que o jornalismo é necessário para saber o que se passa. Mas advertem que, atualmente, alguns jornalistas produzem notícias sensacionalistas. Põem de lado a noção de que o jornalismo deve ser feito com profissionalismo e de maneira séria, para que os acontecimentos sejam divulgados como realmente aconteceram.

Comparando ambas as opiniões, é perceptível que as pessoas consideram o jornalismo como um serviço público necessário à nossa sociedade. Não só para nos informar sobre o que se passa ao nosso redor e no mundo, mas também para conseguir formar opiniões e ideias sobre diversos temas, fazendo com que o público adquira uma posição sobre eles.

Todavia, pensam que o jornalismo sensacionalista é cada vez mais fácil de encontrar nos meios de comunicação. E está-se a propagar de uma forma ainda mais preocupante nas redes sociais, onde são divulgadas notícias falsas que são constantemente partilhadas sem qualquer verificação das fontes e da sua veracidade.

Constata-se que o periódico mais comprado e lido em Portugal é o Correio da Manhã, um jornal sensacionalista. Se as pessoas não gostam desse tipo de jornalismo porque o consomem? O que leva as pessoas a preferir esse tipo de notícias?

O jornalista tem de ser um profissional competente e versátil e não um divulgador de banalidades. O jornalismo é um suporte muito importante para a sociedade e para os cidadãos e os jornais deviam basear-se somente em factos e seguir os valores descritos no código deontológico. No entanto, é perceptível que tal não acontece.

Mas qual será o futuro dos meios de comunicação, tendo em conta a evolução crescente das tecnologias?

Atualmente, com o crescente desenvolvimento do jornalismo em plataformas digitais, houve uma necessidade de aproximação entre as peças jornalísticas e os formatos mediáticos, numa tentativa de adaptação ao jornalismo online.

Consequentemente, os media estão a alterar o modo como divulgam as notícias e as pessoas a maneira como estabelecem uma relação com os meios

de comunicação. Assim sendo, a utilização de produtos audiovisuais pode revolucionar o jornalismo digital. O jornalista é assim, um profissional que está em constante adaptação dentro da sua profissão.

Ter conhecimentos em audiovisual potencia a carreira dos jornalistas, pois além da redação de notícias podem realizar projetos de fotojornalismo, gravação de reportagens ou até mesmo manutenção e gestão de sites jornalísticos, o que valoriza o jornalista no mercado de trabalho.

Mas qual será o futuro do mercado do trabalho se o jornalista for um faz-tudo? O que se perde se um jornalista desempenhar várias tarefas, em detrimento de um trabalho conjunto que associa competências específicas realizadas por vários profissionais?

O audiovisual pode ser então, uma nova forma expressiva e renovada de divulgar informação. Mas com respeito pela especialização, pela diversidade e pelo trabalho.

Sofia Vicente

Relatório sobre os *Media Regionais* do Distrito de Setúbal

Pesquisa de estudantes revela dificuldades na Comunicação Social

Estudantes de Comunicação Social da ESE-IPS apuram a existência de 88 órgãos de comunicação social no distrito de Setúbal, mas só conseguiram obter dados relativos a 43, dos quais 38 estão presentes nas redes sociais.

Os estudantes do 3º ano da Licenciatura em Comunicação Social, da Escola Superior de Educação (ESE), do Instituto Politécnico de Setúbal (IPS), produziram um estudo sobre os media regionais do distrito de Setúbal, para compreender de que forma estes se inserem nas redes sociais e porquê.

A pesquisa permitiu-lhes também verificar quais os pontos fracos e fortes de cada órgão de comunicação social e conhecer a sua história. De acordo com dados da Entidade Reguladora para a Comunicação Social (ERC), existem no distrito de Setúbal 88 órgãos de comunicação social. No entanto, por dificuldade no contacto e desatualização de dados, os estudantes só conseguiram apurar resultados sobre 43 órgãos (imprensa, rádio e online).

A metodologia seguida teve por base três instrumentos: uma ficha de identificação de imprensa, que permite registar

informações sobre o número de registo, colaboradores, diretores e editores, quais as redes utilizadas pelo órgão; um texto que conta a história do órgão, desde a fundação ao momento presente, refletindo sobre momentos chave e momentos difíceis; e uma reportagem, com apontamentos das entrevistas realizadas aos diretores de cada media.

Os principais objetivos foram entender o ecossistema mediático de Setúbal, apresentar o contexto nacional, mapear os órgãos de comunicação social dentro do distrito e entrevistar os diretores. Posteriormente, desenvolveram um relatório que apresenta os resultados do estudo e que estará disponível na Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação.

O projeto foi desenvolvido no âmbito da unidade curricular Comunicação nos Media Sociais, sob a orientação do professor Ricardo Nunes, tendo sido

apresentado na 7ª Semana da Comunicação, que teve como foco de debate “O Problema da Informação”.

A nível nacional e segundo a ERC, em fevereiro de 2019, a televisão representava um total de 60 órgãos, a imprensa 1.280, as rádios locais 316, as publicações periódicas online 858 e as rádios online um total de 88. Em Setúbal, os concelhos com maior número de órgãos de comunicação social são Almada e Setúbal, em pleno contraste Alcochete que conta com apenas um órgão. Dos 43 órgãos estudados, 38 estão presentes nas redes sociais. A rede social que regista maior frequência por parte dos meios de comunicação é o Facebook, seguido pelo Twitter. O WhatsApp e o Google+ registam pouca ou nenhuma presença dos meios.

DINÂMICAS REGIONAIS

Pedro Pais, um investigador do Obercom, entrevistado no âmbito deste projeto, defende que é importante estudar as dinâmicas dos media regionais. No seu entender “o Obercom é importante, pois é um dos poucos, que de forma consistente serve para produzir informação e conduz uma análise investigativa sobre muitos temas da comunicação e dos media, que de outra forma não seriam abordados.”

Quando questionado sobre o impacto que os media regionais têm a nível nacional, o investigador refere que uma das suas valências é o localismo que os caracteriza. Face

a trabalhos académicos realizados na área dos meios de comunicação regionais, Pedro Pais identifica que as regiões Norte e Centro são as que têm maior impacto no contexto nacional.

Refere ainda que muitas das rádios regionais concorrem aos incentivos do Estado (CCDR) e que caso não se modernizem, muitas das vezes não conseguem obter este tipo de financiamento por parte do Estado.

Quanto ao estado atual dos media em Portugal, o investigador identifica diversos problemas e obstáculos, entre eles, a questão da falta de modernização e a ausência no meio digital. Os meios regionais têm dificuldade em subsistir quando não adotam inovações e quando têm pouca disponibilidade financeira para contratar profissionais especializados.

Em conclusão, o estudo realizado pelos estudantes registou como considerações finais os seguintes aspectos: há uma desatualização/desfasamento de dados por parte da ERC; observa-se um fenómeno de convergência entre alguns órgãos; a maior parte dos meios prefere ter autonomia empresarial; e raros são os casos em que acreditam num futuro brilhante para a comunicação social regional.

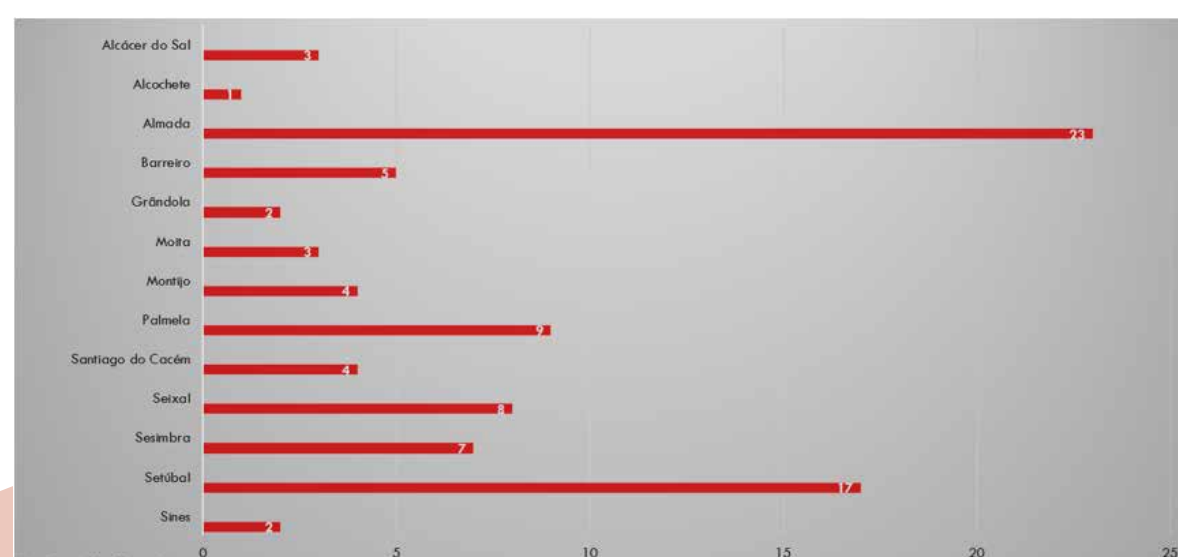
A comunicação social enfrenta dificuldades a nível regional e nacional. Na sua maioria não estão apenas relacionadas com o seu suporte e difusão, mas também com os novos “concorrentes” digitais.

As redes sociais, na maior parte do tempo, publicam notícias de forma facilitada e grátis, isto é, sem a necessidade da presença de um jornalista e fotógrafo profissional, recorrendo a instrumentos audiovisuais amadores e a testemunhos de outros via online, em plataformas que podem ser alteradas por qualquer um. Além disso, as fake news afirmam-se cada vez mais nos meios de comunicação online.

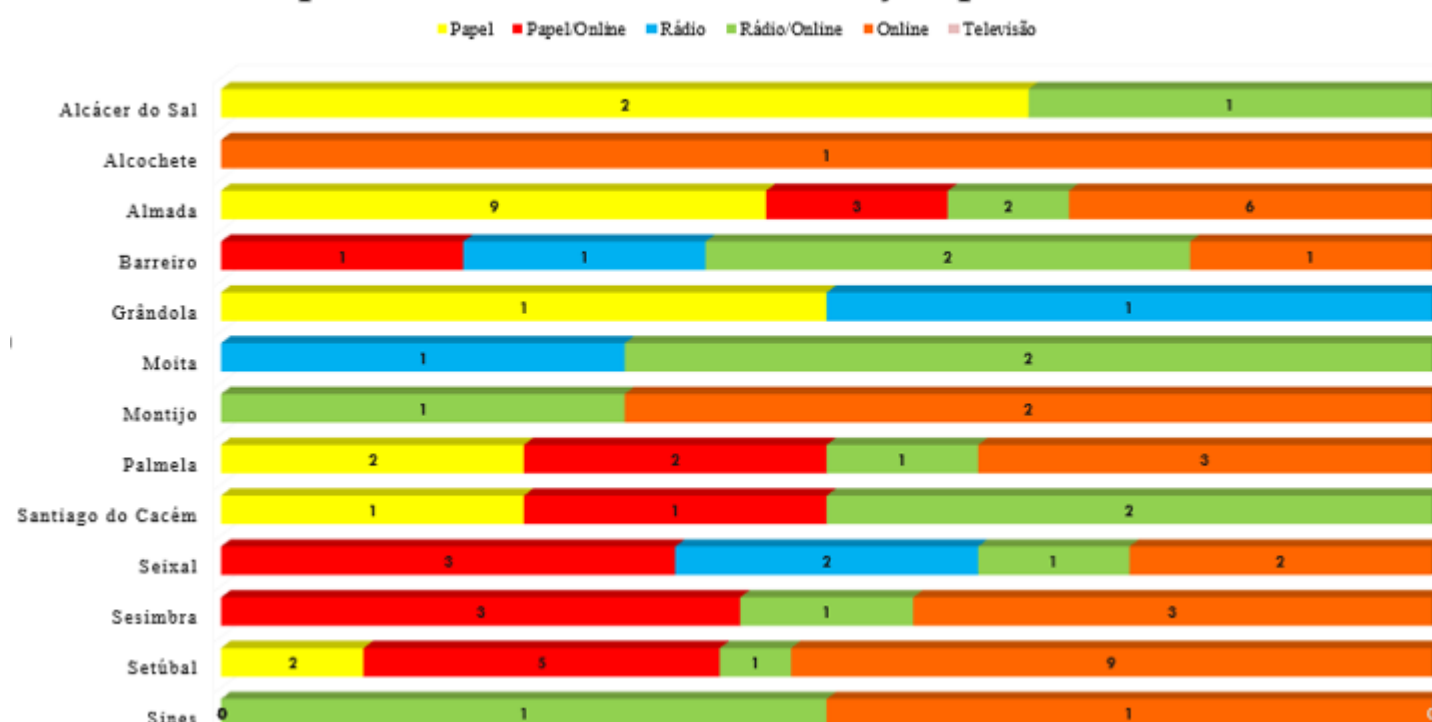
O problema da informação é um tema cada vez mais debatido entre os estudiosos das Ciências da Comunicação. Fenómenos como a globalização e o surgimento de novas tecnologias, aliadas a plataformas digitais, como as redes sociais, vieram mudar o impacto da comunicação social nas relações interpessoais e na forma como comunicamos.

Os efeitos dessas inovações tecnológicas que puseram face-a-face a fonte e o público, bem como a desregulação do ciberespaço, requerem reflexão e debate público. É, cada vez mais, imperioso haver notícias informadas que emanem de um jornalismo baseado no conhecimento.

Raquel Santos



Suporte de meios de comunicação por concelho





Crónica de Istambul

Uma cidade: duas margens, dois olhares

Desde crianças, que nos ensinam que não devemos julgar nada tendo em conta apenas a primeira impressão. “Não julgues um livro pela sua capa”, não é o que dizem? A verdade é que é muito fácil julgar o quer que seja e/ou determinar uma opinião sobre algo logo no primeiro instante.

Existem vários exemplos e fabulas que ilustram exatamente o que acabo de afirmar, mas não é necessário partilhar nenhuma delas, basta refletir sobre este exato momento: O quê é que estás a pensar? Possivelmente já “rotulaste” este texto que ainda só está no início, como algo de cariz moralista. Desculpa, mas não o é. A verdade é que todo o discurso que criei até agora é para vos apresentar Istambul e o meu próprio “olhar” sobre esta cidade.

A antiga capital turca é um lugar que facilmente pode ser rotulado pelos olhares maliciosos durante uma viagem de metro entre o aeroporto e o centro da cidade. O cinzento que preenche as ruas – algumas delas bem sujas –, o cheiro terrível proveniente do rio Bósforo que atravessa a cidade e, para não mencionar, o grave problema de higiene alimentar que percorre as ruas da cidade.

Sim, a ASAE ainda não chegou a Istambul e os vendedores ambulantes são aos magotes. Se algum dia tiverem a tentação de comer peixe assado retirado do rio dois minutos de antes ser cozinhado, esta é a cidade ideal para o experimentar. Basta um passeio junto às margens do rio e terão o vosso desejo concretizado.

A oportunidade de ir a Istambul surgiu em outubro de 2016, altura em que ainda se sentia uma grande tensão social e política proveniente de todos os atentados ocorridos à época devido ao golpe de Estado fracasso em julho e à Guerra da Síria. Determinaram, por exemplo, na semana anterior à minha ida, que dez jornalistas fossem detidos sem qualquer justificação.

Por isso, para além de todo um “não deslumbre” que a cidade consegue oferecer, eu própria sofria de “Istambulfobia”. O que levou a que na primeira vez que ouvi o “chamamento”, quase me atirasse para o chão.

Para os que não sabem, tal como eu não sabia, os muçulmanos rezam cinco vezes ao dia (as Salah) e, nas cidades onde esta religião predomina, é normal existirem megafones que anunciem a chegada das horas “sagradas”. Como podem imaginar, Istambul, uma cidade com 15,07 milhões de habitantes tem

bastantes mesquitas e às horas marcadas, o som proveniente dos vários altifalantes faz-se ouvir por toda a cidade, tendo a capacidade de parar, congelar, a cidade por alguns segundos abafando o barulho de todas as buzinas e carros. Assim escrito até parece algo bonito e poético, mas naquele momento – a primeira vez que ouvi aquele som – levou-me a imaginar o pior cenário, que estava a acontecer um ataque. Talvez um pouco clichê, não? Alguém vindo da outra ponta da Europa, do grupo de países “privilegiados”, desloca-se até um país muçulmano e pensa logo que poderá estar a decorrer uma explosão... A esta altura já devem estar a pensar:

“Porquê é que ela continua a escrever? Já me convenceu a nunca ir a Istambul!”. Pode parecer que esse é o objetivo, mas não, completamente o oposto. Tal como, referi no início do texto, não se deve julgar nada de imediato.

UMA DAS CAPITALS MAIS BONITAS

Istambul é uma das capitais mais bonitas que alguma vez visitei. Após conseguir ultrapassar o “choque cultural”, é uma cidade cheia de requintes e várias formas de beleza. Quer seja pelos seus incríveis monumentos, como a Blue Mosque, Hagia Sophia ou o Ga-



lata Tower e a sua incrível vista de 360° graus sob a cidade; ou as histórias deliciosas que esconde, como por exemplo, da Maiden's Tower, uma torre construída mesmo no meio do rio para separar uma princesa e um plebeu.

Este foi o ponto de partida para me apaixonar por esta cidade, por tudo o que Istambul é! O cheiro que inicialmente é definido como terrível, acaba por ser próprio de si. Um cheiro característico, que não se encontra em mais nenhum lugar no mundo. Uma mistura de maresia com especiarias e comida acabada de fazer.

Os olhares duvidosos continuam a existir, no entanto, quando prestamos atenção vê-se muito mais do que isso no meio da multidão. Apercebemo-nos de outro tipo de olhares, uns curiosos, outros bondosos. Olhares que querem agradar e ajudar os que são de fora.

As ruas cinzentas nunca deixam de ser cinzentas, mas passam a ter cor. Cor trazida pelos que passam nelas: crianças a brincar, gatos de rua que se roçam em cada parede, bazares repletos de roupas brilhantes e iguarias que são explosões de sabor.

Istambul, acaba por se tornar a agradável cidade que nos leva a percorrer quilómetros a pé para se ir a um restaurante num bairro local, para provar o típico pequeno-almoço turco. Atravessar os jardins do palácio real como se nunca tivéssemos visto um jardim antes, a trocar de margem para descobrir as diferenças entre a Istambul Ocidental e a Oriental, a passar horas dentro de uma mesquita e a ansiar por um chá a todas as horas.

Istambul é ficar com uma dor de barriga de todas as delícias turcas (turkish delights) e baklavas que foram oferecidas no bazar; é dançar à porta de cada loja com música; é descobrir que o kebab não é o que nós pensamos; é dizer obrigada a toda a hora, porque é a única palavra que se consegue pronunciar (Teşekkür).

Istambul é isto e muito mais, algo que não se consegue explicar. Istambul é sem dúvida um sentimento – completamente o oposto de fobia –, e um modo de estar. Istambul foi um sítio que primeiro me enganou e que agora, sonho em regressar.

Rita Almeida
(Texto e Fotos)



ERASMUS

O Mundo à distância de um “click”

Quem me conhece, sabe que adoro viajar e todo o tempo livre que tenha, por mais pequeno que possa ser, tento utilizá-lo para estar “lá fora”. No entanto, o que muitos não sabem é como é que surgiu esta paixão e sonho de deambular pelo mundo fora.

Penso que é do conhecimento geral o programa Erasmus+, porém o que grande parte das pessoas pensa é que este apenas se restringe aos estudos universitários. Felizmente para mim, tive uma amiga que me apresentou as múltiplas oportunidades que o programa pode oferecer.

Criado em 2014, o programa Erasmus+ consiste numa combinação dos programas para jovens desenvolvidos pela Comissão Europeia, entre eles o típico Erasmus académico, que pretende contribuir para o crescimento, equidade e inclusão social. Uma versão melhorada – na minha opinião – que oferece múltiplas oportunidades, entre elas, intercâmbios jovens, formações, visitas de estudos e ações de voluntariado.

A primeira vez que embarquei nesta aventura Erasmus, foi no Verão de 2016. Durante duas semanas, coabitei com mais 24 jovens de diferentes nacionalidades e diferentes backgrounds num parque de campismo na terceira maior cidade da Hungria, Szeged.

Um intercâmbio sobre tradições e novas culturas, em que se explorou de que forma os costumes tradicionais influenciam as várias sociedades, incentivam ou contribuem para determinados estereótipos e se correspondem às necessidades atuais dos jovens.

Posso dizer que foi das melhores experiências da minha vida, e fiquei sem dúvida “viciada” ao estilo de vida de “Backpacker Erasmus” (termo para nos referirmos às pessoas que estão continuamente a ir de projeto em projeto),

mas o mais importante é entender o porquê de tal.

Não só vou, porque adoro a experiência de estar em contacto com outras pessoas, conhecer novos países e explorar novas temáticas, mas porque me oferece a oportunidade de conhecer histórias de pessoas fantásticas e incríveis, e autoconhecer. Dois fatores que tem contribuído muito para perceber o que quero na minha vida e que género de pessoa pretendo ser.

Cada pessoa tem uma experiência diferente em Erasmus, mas para mim Erasmus foi exatamente isto! Graças a este programa tornei-me mais apaixonada pela vida do que nunca, ao mesmo tempo que estou mais consciente de todos os problemas e dificuldades que existem no mundo. Sendo que sei, que

ainda existe muito mais por descobrir e debater, o que me faz querer viajar e conhecer mais. Posso dizer que este programa foi o meu “pontapé” de saída para o mundo e, agora, parece-me impossível parar.

O enriquecimento e conhecimento pessoal é um “ideia-chave” do programa, no entanto, mais do que individual, Erasmus é sobre um todo. É sobre reunir jovens de diferentes partes da Europa e derrubar barreiras, como estereótipos, estigmas e preconceitos. É fazer ver à geração de jovens atual que somos todos iguais e podemos contruir um futuro juntos. Que somos todos europeus.

Porém, o meu objetivo não é apenas contar – de uma forma muito resumida – a minha história e experiência, é

também fazer ver que estas oportunidades são para todos. Não existe desculpa para não ir.

Não é necessário ser estudante universitário ou estar ligado a alguma instituição. Existe sempre uma organização que ajuda no processo de mobilidade e a Comissão Europeia financia as despesas. Por isso, só tens de querer ir.

Pega no teu computador e procura na internet “Oportunidades Erasmus+”. Pesquisa no Facebook e vais encontrar dezenas de grupos relacionados com estas viagens e formações.

Pode ser difícil de acreditar, mas o teu lugar no mundo pode estar à distância de um clique.

Rita Almeida
(Texto e Fotos)



Vender na rua

Um ganho para a arte e um ato de comunicação

A interação entre a artista e os potenciais compradores é fluida. Beatriz Blodau declarou que vender na rua não só lhe trouxe benefícios artísticos, por pintar todos os dias, mas também a ajudou a comunicar com os outros e a melhorar o seu inglês.

A simplicidade de uns postais vendidos na rua por vezes levam-nos a esquecer a singularidade de quem os pinta e neles deixa a sua expressão como pessoa e artista. Levam-nos a esquecer quem os vende e neles encontra neles o seu sustento. Um esquecimento resultante de uma ideia estereotipada sobre as pessoas que vendem na rua. Quer venda arte, como é o caso, ou outros produtos.

O estereótipo não encaixa no perfil da entrevistada. Beatriz Blodau tem 28 anos, é de São Paulo, Brasil, e desde abril de 2018 vende postais pintados a aguarela. Sempre teve uma paixão pelas artes e desde muito cedo soube que era esse o caminho que desejava prosseguir.

Formou-se em Design, completando ainda o mestrado em Educação e Tecnologias Digitais, algo que admite não estar muito relacionado. A sua paixão estava tão focada que nem mesmo o ensino de História das Artes, que exerceu durante quatro anos, a reteve. Decidiu demitir-se e dedicar-se exclusivamente à pintura, que desde então exerce em regime de freelance.

A procura de algo mais para a sua vida e as origens lusas da família trouxe-a a Portugal. Está em Lisboa há cerca de



Beatriz Blodau no seu posto de trabalho, na rua Augusta, Lisboa

dois anos, sozinha. Tem como objetivo futuro abrir um atelier e viver daquilo que sempre a motivou, as suas pinturas. Entretanto, pinta, expõe e vende na rua Augusta.

Desde que se mudou para Portugal que vive de forma rotineira, trabalha e estuda. Os seus dias começam quando se desloca para o seu local habitual na rua Augusta, por volta das dez ou 11 horas. Após algumas horas aí passadas vai para as aulas. Está matriculada na ETIC, em Conceptual Art. Mais tarde dedica-se a preparar encomendas que lhe tenham feito.

APRENDER MAIS

Matricular-se foi não só uma maneira de não estar parada, mas também de aprender mais sobre algo que gosta. No entanto, conciliar a vida de trabalho com estudos nem sempre é fácil. Nes-

te caso, tudo se conjuga num mesmo tema, as artes. A proximidade entre a ETIC, junto ao Cais do Sodré, e a rua Augusta facilita esta conciliação. Mas não foi esse o principal motivo para Beatriz Blodau escolher a rua Augusta como local de venda dos seus postais. São na sua maioria os turistas que são atraídos pelos postais de paisagens e de personalidades portuguesas importantes. A rua pedonal da baixa lisboeta é o local ideal para vender as suas aguarelas. Instala-se na portada de um edifício já fechado. Sentada, pinta, enquanto as suas obras estão em exibição a seu lado. O barulho, tanto de carros como da passagem de pessoas, não a incomoda, de tal forma que é quase necessário tocar-lhe para chamar à atenção. Foi o caso de duas turistas alemãs que pretendiam adquirir postais. Apesar da sua concentração, Beatriz Blodau prontamente se levanta e fala com os potenciais com-

pradores. Rapidamente se percebe o orgulho que tem naquilo que produz ao mostrar-lhes o seu trabalho.

Estas interações resumem o seu trabalho desde abril de 2018. Nunca teve problemas e facilmente conseguiu atrair a atenção de turistas que por ela passam. A confusão da rua parece um mundo à parte daquele que Beatriz “construiu” na portada do edifício abandonado. Ali tudo é calmo, tirando pequenas exceções, como pessoas bêbedas e outras que não respeitam o seu espaço pessoal.

A sua estada é marcada pela tranquilidade, algo que não lhe era garantido no Brasil. Apesar de tudo, considera os portugueses um povo demasiado introspetivo. Por isso, tona-se mais complicado estabelecer relações. Apesar de apontar falhas à forma como Portugal apoia as artes, considera ainda assim este apoio maior e melhor do que aquele que o Brasil providencia. A isso acresce a sua localização na Europa, que possibilita mais conexões com artistas estrangeiros.

Uma das falhas que Portugal apresenta é a forma como divulga e promove a arte e os artistas. O espaço na comunicação social é muito reduzido e a arte é apenas abordada em locais especializados, o que torna a sua divulgação ao público mais complicada.

Como tudo na sua vida, o seu foco em relação às notícias está centrado nos mesmos espaços, aqueles onde se informa sobre arte, jogos e animação. Fora destes temas atribui pouco valor às notícias. Aponta a falta de dinâmica e confiabilidade como fatores que mais a afastam.

Carlos Nascimento

Má notícia “é ver mafiosos a roubar”

Estava a negociar o preço dos limões quando cheguei ao seu encontro. José Correia, produtor e comerciante, encontrava-se dia 10 de outubro, um sábado, no mercado municipal de Silves a vender os seus produtos.

José Correia, de 82 anos, nasceu no sítio do Pinheiro e Garrado, na freguesia de Silves. Filho de agricultores, começou a produzir e a vender produtos agrícolas aos 18 anos. Emigrou aos 26 anos para a Alemanha, tendo regressado às suas origens aos 67 anos.

Questionado sobre as notícias, afirma que para si “uma má notícia é ver muitos mafiosos a roubar aquilo que não é deles”. Declara, por outro lado, que uma notícia com qualidade “é falarem que o governo faz um serviço bom,



José Correia, comerciante em Silves

ações boas e que ajudam a classe mais baixa”.

Para si, as notícias representam uma forma de estar informado. Salienta que a curiosidade quanto aos acontecimentos que se vão passando no país é essencial. Ter este conhecimento é importante para que possamos ser cidadãos conscientes e intervenientes.

José Correia acredita que tanto as más notícias, como também as boas, contribuem de igual forma para perceção da sociedade na qual estamos inseridos.

Inês Jóia

Comerciante presta atenção a clientes e ao que se passa no país

Há mais de 20 anos que Elsa Rodrigues vende fruta e legumes no Mercado do Livramento, em Setúbal. Tem clientes habituais, a quem presta a atenção devida. Mas a comerciante também presta atenção ao que se passa no país.

Elsa Rodrigues tem 52 anos e iniciou a sua actividade como comerciante por também se ocupar de atividades agrícolas. Como não tinha lugar onde comercializar o que produzia, adquiriu uma banca para a venda de legumes. Com a esperança num melhor retorno, reforçou o negócio apostando também na venda de frutas. E não tem outra ocupação além da que desempenha desde os seus 30 anos.

O encontro decorreu em 24 de março, numa manhã de domingo, no Mercado do Livramento, um espaço acolhedor que também recebe turistas e tem muita variedade de peixes, carnes, frutas e legumes. Situa-se na avenida Luísa Todi e é um mercado muito conhecido e conceituado a nível internacional, tendo sido construído em 1930.

Elsa Rodrigues gosta de estar informada e saber o que se passa. Mas não gosta de “ver atos de violência e assuntos relacionados com terrorismo. Prefiro temas relacionados com a atualidade nacional”.

As notícias assumem importância para esta comerciante. Mas pensa que o jornalismo na actualidade “contém muita informação falsa”. Diz que de “certa forma aliciam o ouvinte, porque nós so-



Banca de frutas no Mercado do Livramento

mos os consumidores de jornalismo,” e que estão por isso “constantemente a ser induzidos em erro”.

Quanto aos jornalistas, afirma que estes só comunicam o que lhes interessa para benefício das empresas de comunica-

ção para as quais trabalham. Pretendem alcançar “mais audiência por parte dos telespectadores, leitores e ouvintes” que os restantes meios informativos com os quais competem diariamente.

Elsa Rodrigues é uma ouvinte e espec-

tadora com preferências assumidas. “Gosto muito de ouvir a Rádio Renascença e de ver o canal da RTP1”.

Carina Moreira

Vendedor desde pequeno

A realidade vivida em Portugal mostramos uma enorme quantidade de vendedores de rua e até vendedores ambulantes. Alguns deles trabalham sem licenças, fugindo à polícia e encontram nas vendas de rua a sua única fonte de rendimento.

É este o caso do vendedor de rua com o qual contactei. O senhor Luís mostrou-se muito simpático e aceitou sem qualquer problema ser entrevistado por mim no seu local de trabalho.

De estatura baixa e forte, este vendedor de 60 anos encontra na venda de fruta a sua ocupação diária. Sem hesitação conta que é vendedor ambulante porque assim foi ensinado desde pequeno. Antes de ser a sua fonte de trabalho era a fonte de trabalho dos seus pais.

Admite que não é muito fácil obter lucro, mas é tudo o que sabe fazer. Com alguma tristeza, partilhou que nem sempre é fácil conseguir dinheiro para se sustentar. Muitas vezes passa fome, não tem dinheiro suficiente para pagar casa e necessita de recorrer a empréstimos de amigos para conseguir sobre-



Luís, vendedor ambulante

viver.

Contou também que é difícil conseguir ser reconhecido e legalizar-se. Razão pela qual arranja problemas com as autoridades. Explicou que hoje em dia as pessoas já não estão tão disponíveis para procurarem e comprarem aos vendedores de rua. Muitas vezes é necessário baixar os preços face aos que o mercado ou o supermercado praticam. Em tom de brincadeira,

aludiu que a parte mais difícil é lidar com os clientes que nem sempre são educados ao serem abordados por ele.

Quando questionado sobre o papel que as notícias tinham no seu quotidiano, o vendedor Luís fez questão de dizer que ocupavam uma parte significativa do seu dia a dia. Embora no início ficasse meio atrapalhado com a pergunta, afirmou que constantemente lia notícias no seu telemóvel, enquanto trabalhava, ou via o telejornal, enquanto estava em casa.

Sem hesitação, referiu-se ao caso de Rosa Grilo e, enquanto discutia alguns aspectos sobre esta ocorrência com os amigos que o rodeavam, mostrava as notícias no seu telemóvel. Fez questão de não se posicionar quando foi questionado sobre o papel dos jornalistas e do jornalismo nos dias de hoje. Mas mencionou que estava sempre a par das notícias pelo Correio da Manhã e pela CMTV.

Alexandra Costa



A talhante que queria ser cirurgiã

É talhante no Mercado do Livramento. Mas o seu sonho era ser médica cirurgiã. Atribui um valor importante às notícias que a mantêm informada sobre o que se passa em Portugal e no mundo.

Luísa Duarte Sousa sempre quis “ser médica de bloco operatório, trabalhar com sangue e o corpo humano”. Mas não o conseguiu. Apesar disso, “está feliz à mesma”. Na atual profissão também trabalha “com sangue e com o corpo, não é humano, mas de animais”. Aos 45 anos, encara a vida com um grande sorriso, satisfeita com o que lhe foi destinado.

Nasceu em Barcelos, lugar onde frequentou a escola até ao 5º ano. Aos 18 anos veio para Setúbal ter com a sua irmã, terminando o 12º no âmbito do programa Novas Oportunidades. Nesta cidade constituiu família, casou-se e teve duas filhas, uma com 20 e outra com 26 anos. Não sente necessidade de voltar à terra que a viu crescer.

Ultrapassado o facto de não poder ser o que sempre sonhou, comprou o estabelecimento Talho 65, no Mercado do Livramento. Fê-lo por opção própria e constitui a sua principal fonte de rendimento. O talho está aberto até às 14 horas e encerra às segundas-feiras, assim como nos feriados: 25 de abril, 1 de maio, 15 de setembro, 25 de dezembro e 1 de janeiro.

Quando fecha às 14 horas ainda fica com “tempo para ir passear”. Não tem

outra ocupação, “só mesmo tratar da casa”. Está feliz com a sua situação e não sente dificuldades no local de trabalho. Só mesmo “satisfazer as exigências do público”. Alude que há clientes que “são exigentes, mas não se importam de pagar.” Mais difícil é satisfazer quem quer “barato e muito bom”.

Quanto à importância das notícias na sua vida, Luísa Duarte Sousa, explicou o seu ponto de vista. Confiante, conclui que são muito importantes para si, porque é uma forma de se manter informada sobre o que acontece no país e no mundo. O meio de comunicação que mais utiliza é a televisão. “Assim que chego a casa meto logo nas notícias, na CMTV.”

Acredita que a televisão é mais credível. “Ao mesmo tempo que estão a dar as notícias, estão a passar as imagens”. E destaca uma jornalista, a Ana Leal, que considera “um espetáculo, apresenta os factos com provas, adoro-a.”

Na apreciação que faz do trabalho dos jornalistas em geral, considera que o desempenham muito bem,



© Catarina Vilhena

Luísa Duarte Sousa, talhante no Mercado do Livramento

apesar de serem, às vezes, “um pouco mal tratados” pelo público. Opina, aliás, que “temos muito bons jornalistas”. Qualifica a procura da verdade como a qualidade mais importante no jornalismo. “O jornalista não pode comunicar apenas por comunicar, tem de obter as melhores informações.”

Os jornalistas abordam um pouco de tudo, dão até visibilidade a atividades como a sua. Quando pensa em jornalismo, ocorre logo a Luísa Duarte Sousa a “televisão e jornais”. Acrescenta, aliás, que a CMTV “faz lembrar o jornal ‘O Crime’”, só dá notícias de desgraças.” Mas os jornais também estão presentes na sua vida, nomeadamente o Correio da Manhã.

Quanto ao seu trabalho, gosta do que faz e sente-se feliz. Gosta de se manter informada e é uma talhante que, de certo modo, cumpre o seu trabalho de sonho.

Catarina Vilhena

Nasceu feirante

Fernando Manuel Neves nasceu feirante. É uma atividade que o seu pai sempre fez. “Já vem da família, e eu segui os passos dele. Foi uma herança que ele me deixou”, uma “família de feirantes que faz farturas e vende castanhas assadas”.

Tem 53 anos e trabalha há 40 anos, desde que terminou a 4ª classe. Mais tarde, como o disse, tirou o RVCC, o processo de reconhecimento, validação e certificação de competências. Fê-lo para “saber escrever e ler melhor e não precisar de ninguém para tratar da papelada”. É conciso nas palavras e direto nas respostas. Vender na rua sempre foi a sua vida e não se vê “a fazer mais nada”. De resto, não se imagina a trocar a sua profissão por outra. “Sou feliz assim e é assim que quero ficar até me reformar”. Acrescenta que também faz descontos para isso.

As suas palavras permitem deduzir que

encara a vida com valor prático. Para Fernando Manuel Neves as burocracias e a obtenção de licenças não são fáceis nem difíceis. E os preços das taxas são como as outras. As burocracias nunca constituíram um obstáculo. As licenças já as tem, se calhar, “há dez anos, em ambos os ramos”. Afirma que “são tão caras como às outras dos cafés com explanada ou numa via pública”.

Não hesita em responder que a atividade compensa. Se não o fosse, “não vinha”. Opina que “a vida é assim mesmo. Tem que ser. Se não se ganha vinte, ganha-se dez, mas é mesmo assim!” Admite, porém, que há duas dificuldades maiores, o “negócio instável” e a chuva, sendo esta a “mais prejudicial para a gente”.

Quanto ao negócio, reconhece que não é como antigamente. “Piorou muito desde que veio o euro e, nos últimos sete anos, nem se fala.” Os clientes “até

dizem que é da crise”.

Fernando Manuel Neves não se recorda de nenhuma história boa que lhe tenha ocorrido ao longo da sua vida de vendedor. Mas lembra-se de uma má. “Num dia de muito vento e chuva, o carrinho das castanhas voltou-se, a brasa do lume caiu-me nos pés e o asfalto recebeu as castanhas a rolar por todo lado. Tive um grande prejuízo e de mexer nas economias para novo carrinho, mesmo sem ajuda de qualquer tipo de seguro”. Além das castanhas, vende também



© Maria da Conceição Correia

Fernando Manuel Neves, a profissão como herança

farturas na altura das feiras e no Natal.

Maria da Conceição Correia



Nas docas de Setúbal

O plástico sufoca a pesca tradicional

A proliferação do plástico ameaça tanto o ambiente oceânico quanto o sustento dos pescadores. A cada rede trazida para terra, uma menor esperança para a vida futura no oceano. Assim como a morte dos peixes, a pesca tradicional tem as viagens contadas.

A manhã de quinta-feira começou cedo para todos os pescadores das docas de Setúbal. O sol estava forte e a brisa quente. A água espelhava o trabalho árduo e as redes de pesca traziam com elas a preocupação de todos os pescadores: a poluição no mar.

Para os pescadores, a pesca representa a essência da sua vida, o seu meio de sobrevivência e o seu testemunho remete-nos para a preocupação crescente com o problema ambiental. A cada dia que passa sentem-se desacreditados na força que o oceano transporta consigo devido à ação humana.

Chegam os barcos, carregados de homens, peixes e uma enorme diversidade de lixo. O oceano parece distante, assim como a batalha contra os resíduos encontrados no mar. De entre as ondas sentidas no balançar do interior dos barcos, ouvimos o barulho das garrafas de vidro e o som do plástico que rompia com a ideia da tão tradicional pesca. Sentiu-se a aflição em cada palavra contada pelos pescadores da tão aventureira viagem de como era a pesca e no que agora se tornou.

Em tempos longínquos, os barcos chegavam ao cais carregados de vida, os pescadores com sorrisos e no seu olhar o gosto pela profissão, sem a preocupação dos dias de hoje, em que o peixe fresco e brilhante se tornou escasso e com menor qualidade a cada dia que passa.

A PROFISSÃO E O TESTEMUNHO

Desde há muito que o mar é uma fonte imprescindível para a Humanidade, desde a fonte de rendimento até ao or-

gulho e paixão pela profissão.

Em direção ao primeiro barco, passo a passo na madeira molhada e repleta de histórias, encontramos o primeiro pescador, Conde Paus, de 50 anos. Com as mãos na rede de pesca e a sua voz rouca, contava que fazia desta a sua rotina há 40 anos, salientando que a quantidade de peixe era especialmente afetada nos oceanos. Por cada palavra dita, era visível que os pescadores se mostravam bastante afetados.

O tempo continuava quente, e o segundo pescador, Russo, de 35 anos, en-

quanto fazia as limpezas no seu barco, contava que desde de 2007, data em que se começou a dedicar à profissão, a pesca havia diminuindo drasticamente, enquanto que o número de lixo aumentara gradualmente nos últimos anos.

O vento direcionava o andar para um terceiro pescador, Miguel Cardoso, de 50 anos e com 32 anos de trabalho. Este afirmava que a redução de peixe advinha de um excesso do uso de meios eletrónicos, desde os sonares às sondas.

O LIXO NO MAR

Apesar dos oceanos representarem um papel importante nas nossas vidas, o ser humano tem-se mostrado cada vez mais capaz de destruir este meio.

Diariamente milhões de objetos e resíduos são lançados aos oceanos, sendo que os principais agentes poluidores correspondem a esgotos, resíduos industriais e lixos domésticos. No entanto, o plástico é o mais visível e conduz a graves problemas ambientais, sobretudo para as espécies marinhas.

Ao longo dos seus discursos deram exemplos dos objetos que eram encontrados no mar e no rio Sado. Cada vez mais são recolhidas do mar por estes homens pescadores garrafas de plástico e de vidro, embalagens deixadas por “cidadãos pesca-

dores” após a pesca de marisco, e até mesmo pneus e artigos utilizados na higiene humana.

“Afeta em tudo. Mata o peixe, mata tudo! Porque o lixo mata o peixe, muitos enfiam-se lá dentro quando são pequenos e depois já não conseguem sair. E o peixe é como tudo, procura sempre coisas mais limpas e cada vez será pior porque não existe tanto peixe”, são as palavras de Russo.

AS MEDIDAS DE PREVENÇÃO

A associação Mar sem Lixo desempenhou nas docas de Setúbal um papel bastante significativo no que diz respeito à despoluição no mar.

Muitos pescadores já praticavam a “boa” ação aquando da sua ida para o mar. Quando se encontravam no barco e avistavam lixo, apanhavam-no e metiam-no em baldes que se encontravam dentro do barco. Na altura de chegada a terra, estes resíduos podiam ser despejados nos respetivos contentores de lixo para que fosse efetuada a reciclagem. O objetivo desta associação é ter um mar mais limpo, para desta forma consolidar o ato já praticado pelos responsáveis pela atividade piscatória. Forneceram-lhes pequenos contentores identificados com cores para que o trabalho da recolha de lixo em mar fosse facilitado. Assim, os pescadores dividem agora o lixo encontrado em mar consoante as suas categorias, auxiliando e reduzindo o trabalho em terra no que se refere à separação dos materiais encontrados no mar.

Ana Maria Vitorino*

*Com a colaboração do grupo constituído por Ana Maria Vitorino, Ana Rita Lopes, Diana Teixeira, Inês Morais e Mafalda Mártires na pesquisa, trabalho de campo, trabalho escrito e fotografias.





O polémico terminal intermodal de Setúbal

A construção do novo terminal intermodal da cidade de Setúbal, prevista para 2021 com recurso a fundos comunitários, tem gerado opiniões divergentes entre os utentes e comerciantes das zonas afetadas.

O projeto orçamentado num montante superior a três milhões de euros tem como meta a junção dos transportes rodoviário e ferroviário na Praça do Brasil, desviando o fluxo de autocarros de longo curso do centro histórico da cidade e criando 14 lugares de estacionamento para autocarros.

Engloba ainda um parque de estacionamento subterrâneo com capacidade para 117 veículos com uma área de aproximadamente 3.468 m². A distância entre as duas estruturas é de 800 metros. Cronometrando o tempo de um ponto ao outro, a caminhada leva dez minutos a ser percorrida.

Quando realizámos esta reportagem, testemunhámos o frenesim de pessoas apressadas. Entravam e saíam do edifício verde de aspeto austero, imponente pela sua antiguidade. Fluxo que dificultou a abordagem que se previa fazer junto das pessoas no local.

A passos largos, os transeuntes cruzavam a tradicional calçada salpicada de pétalas, que pelo ímpeto do vento primaveril desprendiam-se das altas copas rosadas das árvores que contrastavam com o azul celeste do céu. Salta a vista as devolutas moradias elitistas do séc.



A futura localização do novo terminal

XIX que, em conjunto com toda a arquitetura envolvente, guardam uma parte importante da história da cidade. A faixa de rodagem estreita, bem como os carros parados em fila dupla dificultam o acesso ao interior da rodoviária. Obriga os condutores dos autocarros a realizarem manobras que exigem extrema perícia. Posto isto, tivemos a nossa abordagem direcionada para aqueles que consideramos ser os afetados de forma direta pela construção do novo terminal intermodal.

PROBLEMÁTICA DA MUDANÇA

Questionados sobre uma possível transferência da Rodoviária daquela

que é uma das mais emblemáticas avenidas de Setúbal, a avenida 5 de Outubro, utentes e comerciantes da zona a ser desocupada estão, na sua grande maioria, apreensivos.

Há quem considere uma intervenção desnecessária por parte do município, visto que a decisão aumenta a pressão sobre pequeno comércio, que não obstante a perda de clientela para os grandes centros comerciais, vê-se obrigada a lidar com a incerteza de um futuro previsivelmente complicado para a baixa de Setúbal.

Na perspectiva de alguns utentes da atual rodoviária, as principais queixas incidem sobre as condições degradantes daquele edifício de fachada austera

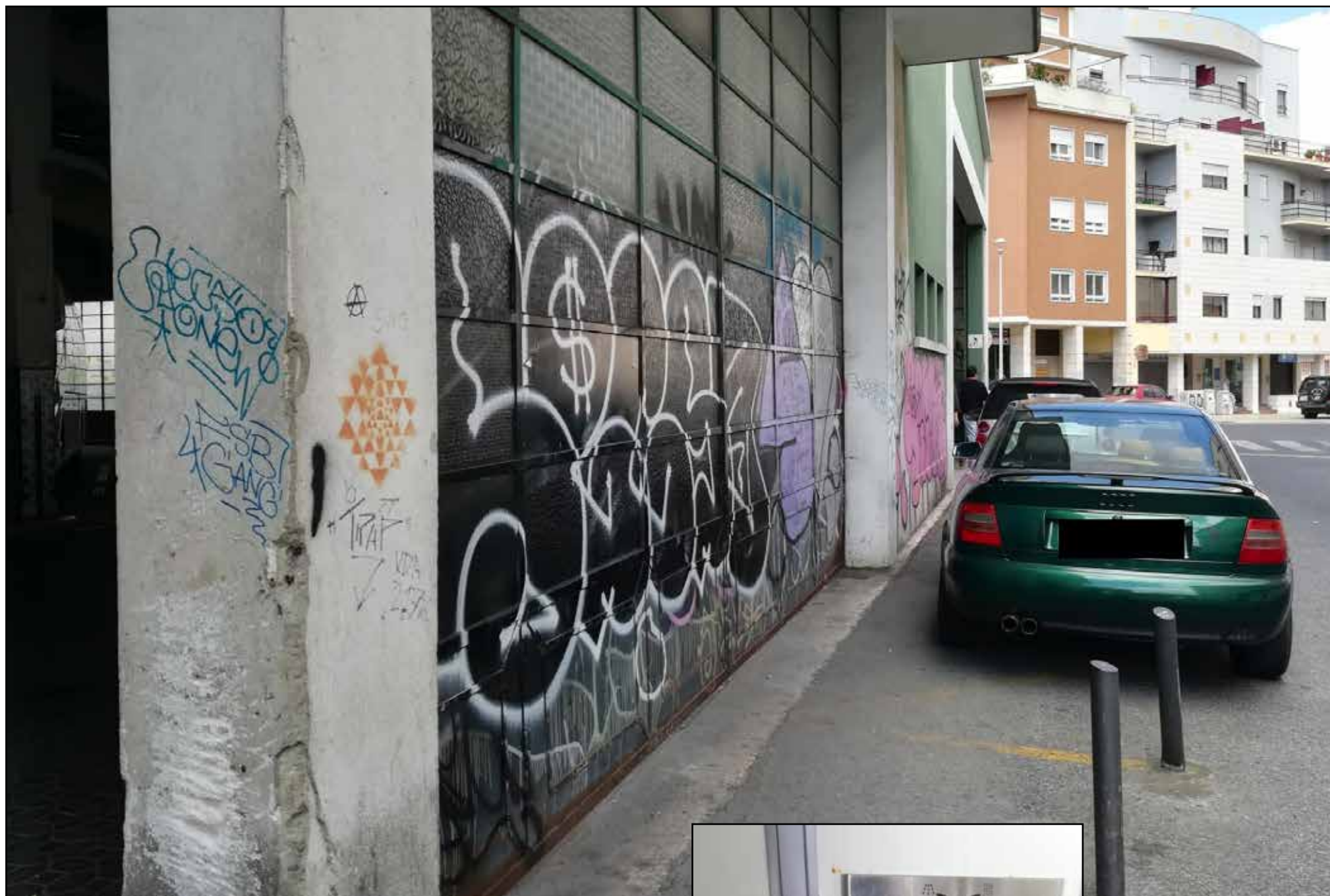
construído na década de 60, ainda sob o regime salazarista.

Não obstante o vandalismo que estampa as paredes, o cheiro nauseabundo que emana da única casa de banho existente no local, devido à falta de higiene (refira-se que a utilização tem um custo de 50 cêntimos) e à presença constante de pombos que tornam o local ainda menos acolhedor.

OS COMERCIANTES DA ZONA

Fernando Santana, vendedor de jornais e revistas, é um dos comerciantes mais antigos no local. Alude que está ali desde a construção da rodoviária naquele espaço. Conta que trabalha desde os 12





As condições degradantes da atual rodoviária

anos quando o terminal estava ainda em funcionamento na Praça do Bocage. O septuagenário, casado e pai de seis filhos, trabalhou sempre na mesma atividade. É com tristeza que assiste à desvalorização dos media tradicionais. Confessa que nos tempos áureos da imprensa chegava a vender centenas de jornais por dia, em contraste com os dias de hoje, em que vende poucas dezenas exemplares. Desapontado, diz que Setúbal tem-se tornado uma cidade voltada para o turismo e não para os setubalenses. Fernando Santana desfere pesadas críticas à atual política camarária que acusa de negligência para com o comércio tradicional. Mostrando total indignação com a saída do terminal rodoviário do local, pois perderá os poucos clientes que ainda lhe restam.

O tema da deslocação da rodoviária suscita opiniões divergentes entre os comerciantes daquela zona que é um ex-líbris da cidade de Setúbal. De um lado os empresários da restauração acreditam que a saída da rodoviária em 2021 trará efeitos nefastos para o seu empreendimento.

O modelo de negócio está construído, em grande parte, em torno dos utentes da rodoviária, como é o caso de Susana, proprietária do restaurante Tudo na Broa. A empresaria conta que não tinha conhecimento da medida quando este ano adquiriu o restaurante.

Em contrapartida, os proprietários de estabelecimentos ligados ao ramo da moda e estética, acreditam que será uma mais valia para o negócio uma

vez que possuem clientela fidelizada que se queixa do intenso fluxo de automóveis na zona envolvente. Patrícia, proprietária da loja de roupa feminina Maria Flor, vê a mudança como uma oportunidade de aumentar o volume de vendas, visto que uma das principais dificuldades das suas clientes prende-se com a falta de estacionamento.

Acrescenta que se o espaço da antiga rodoviária fosse convertido em estacionamento, a baixa da cidade tornar-se-ia mais apetecível. Aumentava a afluência de pessoas ao local. Luísa Silva, proprietária do salão de cabeleireiros com o mesmo nome, afirma que possui uma clientela já fidelizada e que a mudança do terminal não interfere com o seu negócio.

JUNTO DA FERROVIA

Na praça do Brasil, local que acolherá a mudança do terminal, os comerciantes mostram-se satisfeitos com a medida. Do lado dos lojistas, Catarina, de 24 anos, trabalhadora de uma tabacaria no interior do terminal ferroviário, assinala um decréscimo nas vendas dos produtos. Mostra-se por isso expectante com a mudança. Acredita que será uma vantagem para aquele ramo de atividade.

Mesmo em frente ao terreno que está destinado à construção do empreendimento, situa-se, desde há apenas dois anos, a Barbearia Maya. Fonte da barbearia afirma que será uma oportunidade de acrescida. Além de salientar que “o



passante” é um potencial cliente a fidelizar, vê também o intervalo de espera entre transportes como uma oportunidade perfeita para tratar do visual.

ESPERAM-SE NOVOS DESENVOLVIMENTOS

No foco da controvérsia está a desvalorização do comércio tradicional presente na baixa da cidade, que se contrapõe à diminuição do impacto ambiental naquela zona, o que acarretará uma melhoria na qualidade de vida dos cidadãos.

A redução da distância entre os comboios e autocarros de longo curso resul-

tará numa poupança de tempo para os utentes e criação de condições favoráveis ao turismo. No que toca à questão da mobilidade, o centro da cidade poderá tornar-se mais acessível, uma vez que a criação de um parque de estacionamento de grandes dimensões promete desafogar o trânsito. Por outro lado, os comerciantes que se sentem ameaçados por esta mudança terão de repensar, provavelmente, o seu modelo de negócio.

Tentámos sem sucesso estabelecer contacto com a Câmara Municipal de Setúbal (CMS). Pretendíamos aprofundar os dados disponíveis e também saber o que a autarquia defende com este projeto. Contactámos o Gabinete de Participação Cidadã da CMS que reencontramos o pedido para o responsável pelo projeto do Terminal Intermodal de Setúbal. Mas acabámos por não ter qualquer resposta. Também não obtivemos resposta ao pedido de entrevista solicitado à Divisão de Comunicação e Imagem do município.

David Marcos e Filipe Borges*

*Com a colaboração do grupo constituído por Alice Keba, Ana Lamy, David Marcos, Filipe Borges e Maria Aleluia na pesquisa, trabalho de campo, trabalho escrito e fotografias



Jerónimo Heitor Coelho, profissional da imagem

“A fotografia acompanha a era em que nós estamos”

Qualifica a fotografia como um meio de comunicação poderoso, utilizado para todos os fins. Enfim, a fotografia acompanha a era atual. Se é um problema, são os profissionais e o público que o têm de definir.

Jerónimo Heitor Coelho afirma que a fotografia é “um meio de comunicação muito poderoso”. Considera, de resto que a fotografia “poderá ter” um impacto negativo ou manipulador nos meios de comunicação social. Mas tudo depende da finalidade com que ela é feita.

Acredita que hoje em dia a fotografia “é muito mais do que aquilo que deveria ser” e que nada tem a ver com os seus primórdios ou com o objectivo para que foi criada. Tal confere-lhe a qualidade de “meio de comunicação poderoso utilizado para todos os fins”. Alentejano de Vila Nova da Baronia, Jerónimo Heitor Coelho fixou-se em Évora em 1988. Aí investiu na criação de uma loja de equipamento fotográfico e num laboratório de fotografia. Os primeiros anos foram de intensa vida empresarial. Mas 12 anos passados, na sequência de um seminário em Espanha onde conheceu o fotógrafo e conferencista Salvador Martinez, o seu trabalho fotográfico passou a merecer inúmeras distinções nacionais e internacionais. Participou em exposições e conferências como orador convidado, em Por-



tugal e no estrangeiro. Foi júri e juiz internacional em certames de fotografia. Em 2014 desenvolveu um projeto fotográfico, de que resultaram três livros: Évora com Luz, Comer em Évora

e Adegas do Alentejo. Ainda em 2014, a Associação Portuguesa de Profissionais de Imagem atribuiu-lhe o título de “Duplo Mestre Fotográfico”. Em 2015, a Academia Internacional de Gastronomia,

reunida em Paris, concedeu o Prix de la Littérature Gastronomique ao livro Comer em Évora. Obteve várias distinções e tem fotografias premiadas.

O profissional de imagem considera que Salvador Martinez influenciou o seu percurso enquanto fotógrafo. Teve uma influência “muito grande, foi o clique que me fez ver que tinha vindo para a fotografia como arte e não como comércio. Andei muitos anos como comerciante de fotografia e não como fotógrafo”. Estabelecida a constatação de que a fotografia é um “meio de comunicação poderoso utilizado para todos os fins”, Jerónimo Heitor Coelho não vê solução para o

superar. Admite não saber “se haverá solução”. Sustenta que “a fotografia acompanha a era em que nós estamos”. Chegou há fotografia ainda muito novo. Não tem dúvida em afirmar que foi aos 12 anos que sentiu a paixão pela fotografia. “Quando entrei pela primeira vez numa câmara escura e vi toda aquela magia da fotografia a acontecer, senti que era aquilo que queria. Nunca a pensando como profissão, mas como hobby, o que acabou mais tarde por conciliar a parte de hobby com a parte profissional”.

Nunca, em nenhuma exposição fotográfica, recebeu alguma crítica devido a uma fotografia sua. Atribui isso ao facto de tentar “ver a fotografia sempre pelo lado positivo, pela parte do belo e do bonito. Tento retratar aquilo que vai por mim e pela forma como eu penso”.

O PROBLEMA DA INFORMAÇÃO

Jerónimo Heitor Coelho participou na conferência Educação para os media e literacias, que decorreu na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal, durante a 7ª Semana da Comunicação Social, em abril passado. Considerou que é para si “sempre muito bom poder partilhar a forma como eu sinto e vejo a fotografia”. Normalmente, está sempre disponível para este tipo de iniciativas onde possa falar sobre fotografia e o que essa arte representa no mundo atual e também para si.

Uma pergunta tornava-se obrigatória. Como vê a fotografia na sua relação com O Problema da Informação, que constitui a temática do evento? Jerónimo Heitor Coelho começou por dizer que a “fotografia faz parte da comunicação” e que “hoje mais do que nunca está democratizada”, o que a tornou a qualquer pessoa.

“Todas as pessoas têm uma máquina fotográfica, pois estão incorporadas nos telemóveis. O problema é que tipo de comunicação queremos fazer e o que é que queremos comunicar”. A resposta tanto pode ter um carácter afirmativo como interrogativo.

Na mesma senda aduziu outras questões. Trata-se de “comunicar por comunicar” ou “queremos comunicar com qualidade, coisas muito assertivas e diretas como aquilo que é a realidade”. E, por fim, a resposta efetiva. Tudo depende do que se quer fazer e do destino que se lhe quer dar. “É aqui que tem de começar a haver uma separação, notícias, publicidade, documentários. Somos nós e o público que temos de o definir”.

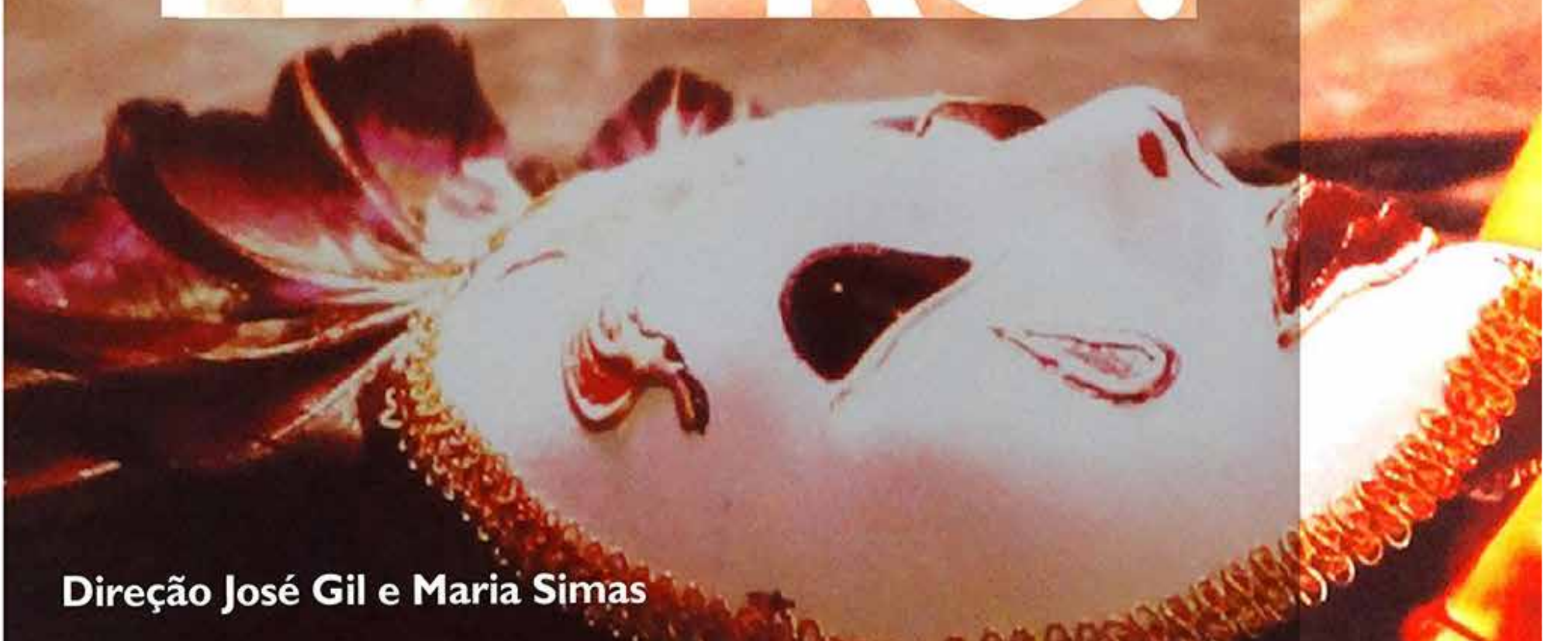
Diogo Bordalo



**TEATRO
POLITÉCNICO**

Grupo de Teatro do Politécnico de Setúbal

QUERES FAZER TEATRO?



Direção José Gil e Maria Simas

Inscrições para o Grupo de Teatro até 27 de Março 2020 Dia Mundial do Teatro
teatro.politecnico@ips.pt

PARA TODO O UNIVERSO IPS E COMUNIDADE ENVOLVENTE



Emanuela Kalembe e José Carlos Ribeiro, guias do bairro

“Menos com menos dá mais e esta foi a fórmula de sucesso da Quinta do Mocho”

O rol de queixas é extenso. E de tão intenso que é, difícil é descortinar onde há uma saída, uma ou mais soluções. A arte é pública e está no bairro. Mudar a vida de quem lá vive cabe aos próprios e à sociedade. Os media também têm de mudar. Desde logo, passarem a ver a realidade com outras lentes.

Numa época em que é habitual assistirmos a movimentos contra estereótipos, sejam eles de género, sociais, étnicos e culturais ou relacionados com beleza e estilos de vida, nem todos os indivíduos compreendem as consequências das suas ações e declarações.

Por todo o mundo, o preconceito social veio a agravar-se com a ajuda dos meios de comunicação. A subjetividade do que é relatado pelos media continua a moldar os pensamentos dos leitores. Talvez por essa razão, os bairros sociais, como o Bairro da Quinta do Mocho, em Sacavém, suscitam apreensão e receio.

E se os bairros sociais são considerados, ainda, lugares duvidosos, instáveis e temerários, o que acontece quando se interligam com a arte urbana? Era expectável que, por ter sido considerada, inicialmente, uma forma de vandalismo do espaço público, esta “arte marginalizada” agravasse as opiniões do público acerca de um espaço já encarado como precário.

Para surpresa dos que lá vivem e dos que de fora o veem, a Quinta do Mocho tornou-se na maior Galeria de Arte Pública da Europa e, aos poucos, a construção destas implicações étnicas, sociais e culturais começou a dissipar-se. Emanuela Kalembe e José Carlos Ribeiro, também conhecidos por Ema e Kally, são mais do que simples moradores deste bairro social. Ema é responsável pelo projeto Guias do Mocho, guiando e promovendo este local ur-

bano-artístico em conjunto com Kally. Organizam-se visitas guiadas pelas várias obras pelo bairro e, ao mesmo tempo, possibilita-se um contacto com os restantes moradores e com a realidade da Quinta do Mocho.

Movidos pela esperança de uma vida melhor, sem preconceito ou hostilidade, Ema e Kally dão a conhecer este bairro social como uma forma de produção cultural e, mais importante talvez, um local habitado por pessoas normais e trabalhadoras que não merecem ser um alvo constante de discriminação e isolamento.

Nesta sociedade da informação, da tecnologia, das redes e de fake news, basta mudar uma palavra para que o sentido do que foi publicado seja imediatamente entendido de forma falaciosa e inadequada. A verdade é que muitos indivíduos ainda não possuem as ferramentas necessárias para decodificar a veracidade do que leem.

Os meios de comunicação, baseando-se nos valores éticos profissionais a que prometem ser fiéis, têm então o dever de não agravar a propagação de estereótipos. Pelo contrário, devem promover a sua eliminação. Este é um dos problemas que Ema declara ser essencial resolver, só assim estaremos um passo mais próximo de eliminar o estigma existente.

Jornal Repórter – Como é que a comunidade da Quinta do Mocho se



© Francisco Matias

envolveu neste projeto? Houve algum tipo de desentendimento?

Emanuela Kalembe – Inicialmente, o projeto em si da arte urbana, que pertence à Câmara [Municipal] de Loures, o pintar as paredes, não deu voz à comunidade. Não sabemos qual é o artista que vem pintar, o que é que vem fazer, não é pedida a opinião – nisso não temos qualquer tipo de intervenção.

Infelizmente é o que eu digo: vêm à nossa casa, colocam quadros na parede, tiram quadros da parede, e ninguém nos pergunta se gostamos da fotografia ou se queremos sequer a fotografia.

No projeto dos Guias, somos nós, os moradores do Bairro, que fazemos as visitas. Os meus vizinhos, inicialmente, diziam: “Isto é o quê, um jardim zoológico? Vêm aqui tirar fotos, somos os animais do zoo e vêm ver os macaquinhos?”, mas conseguimos explicar que não. É importante que eles venham ao Bairro para perceberem que nós não lhes fazemos mal, para mudar um pouco a imagem que as pessoas têm do que é um bairro social como o da Quinta do Mocho.

Entretanto, as pessoas começaram a aceitar. Depois, chegámos a um extremo: as pessoas tiravam fotografias à tua cara, com a câmara fotográfica em frente à tua cara, os teus filhos estão a brincar e eram tiradas fotografias, e aí tivemos de ser nós a dizer “Chega”. Querem vir fazer a visita e tirar fotografias, tudo bem. Mas se for para tirar a um vizinho, perguntem se ele quer ser fotografado.

Fotos a crianças, se possível, não tirem. Qual é o objeto de ter uma foto de uma

criança a brincar? Às vezes dizem: “Ah, mas é preciso dizeres isso no início da visita?” Eu respondo: “Desculpe, mas se eu estou a dizer isto é porque já vi o que acontece quando não digo”. Foi necessário reeducar.

Neste momento, a população gosta das obras porque já se habituou – são quatro anos com aquilo ali –, mas aquele sentimento de: “São só mais obras na parede, mas e as nossas casas, quando começam as intervenções? E os parques infantis, quando é que fazem?” permanece.

Os meus vizinhos começam a perceber que isto não foi feito para nós, população do Mocho, foi feito para os outros, para os de fora. É um cartão de visita. É esse sentimento que acaba por ser agri-doce.

Tendo isso em conta, que problemas continuam a existir?

O parque infantil está há 17 anos para ser construído. No interior das casas há obras que são estruturais e que tem de ser a Câmara [Municipal] a fazer e não são feitas. As ruas do Mocho não têm uma única placa com a indicação do nome da rua.

A nível dos prédios, na parte inferior, há uns alçapões que são propriedade da Câmara [Municipal] e que, com as chuvas, há infiltrações. Isto cria águas paradas e águas paradas dão origem a mosquitos, porque não há uma limpeza correta do espaço.

Não vamos falar de espaços verdes, porque não há um cuidado com esses espaços. Há inúmeras coisas por fazer na Quinta do Mocho. Há a necessidade



das pessoas saírem dos gabinetes e trabalharem com as pessoas. Não tem de ser a população a ir ao gabinete. Tem de ser quem diz que trabalha com pessoas a ir ter com elas. É esse o erro.

Continua a existir algum estigma referente à população da Quinta do Mocho?

Muita gente já ouviu falar da Quinta do Mocho por um amigo de um amigo que foi lá e comeu uma cachupa e foi fazer uma visita com a Ema e o Kally, os Guias do Mocho, e ouviu dizer que aquilo é “fixe”. Menos com menos dá mais e esta foi a fórmula de sucesso da Quinta do Mocho: menos que era o graffiti (essa coisa de pintar na parede dos outros), menos que era o bairro social. Demos há pouco tempo uma entrevista ao [jornal online britânico] The Independent, o que leva o nome do Mocho para fora de portas e para sítios onde não estávamos à espera de aparecer. Ajuda a mudar a imagem do bairro? Ajuda, mas depois basta um episódio para as coisas mudarem. Por exemplo, há uns dias, dois bêbados, como há no Bairro Alto ou em qualquer outro sítio, agarram-se. Um magoou o outro, que foi para o hospital. No dia seguinte, nas notícias do jornal que estava a ler de manhã, dizia:

“Rixa de gangues rivais, um está à beira da morte no hospital”. Em qualquer sítio de Portugal, dois bêbados são dois bêbados, mas na Quinta do Mocho dois bêbados são dois gangues rivais. O trabalho dos media é informar, mas pelo menos que informem bem.

Como é que os meios de comunicação podem melhorar a informação que passam para fora?

A melhor forma de melhorar é dizer a verdade. Mas depois há a minha verdade, a tua verdade e a verdade do que realmente aconteceu. A percepção das coisas e o “Ah, eu acho que vi, pareceu-me, há um indício que...” muda as coisas. As pessoas não leem “há um indício que”. Quando digo que estás indiciada por um assassinato, as pessoas vão ouvir “tu és assassina”. Ninguém se vai lembrar de pensar que ainda estás na presunção da inocência, e a Quinta do Mocho teve muito tempo sem o cartuxo da presunção da inocência. É primeiro julgar e deitar abaixo, e depois “afinal não foi bem assim”.

Esta nova dimensão cultural que está presente na arte da Quinta do Mocho abriu novos horizontes. Como veem esta evolução, tanto para as pessoas

que lá moram como para as pessoas de fora?

Há uma coisa engraçada na Quinta do Mocho: qualquer operador turístico que lá vá, vai cheio de vontade de fazer isto e aquilo. Mas para fazer algo para alguém, tens de fazer o que a pessoa precisa e não o que tu achas que precisas. Há aquele erro que diz: “faz aos outros o que gostavas que te fizessem a ti”, não! Tenho que fazer o que tu gostas que te façam a ti. As casas não se constroem do teto para a base. Muitas vezes, o que acontece em projetos como este é que toda a gente quer opinar, toda a gente quer fazer da sua forma, como acontece nas suas casas e nos seus bairros, mas esquecem-se que aquilo é uma realidade diferente. Algumas pessoas vieram e queriam fazer uma intervenção às mães do bairro para as ajudar a nível de maternidade e dos seus direitos, queriam fazer palestras... Eu perguntei quando é que o queriam fazer. Disseram: “ao fim do dia, por volta das quatro ou cinco da tarde”. E eu respondi: “Olha, vou contar-te um segredo, as minhas tias saem às cinco da manhã para fazerem limpezas, têm quatro e cinco empregos, chegam às oito da noite cansadas, os únicos dias [disponíveis] que elas têm é o sábado, que é o dia das mega-limpezas, e o do-

mingo, onde vão estar debaixo do prédio a fazer churrascos. Não sei em que dia queres fazer isso”.

Lá está, se calhar resultaria num outro bairro qualquer, numa outra situação ou contexto qualquer. Mas ali, é preciso conhecer as pessoas primeiro para trabalhares com as pessoas.

Quais são as características das pessoas que vivem na comunidade e que foram integradas neste projeto da arte urbana?

José Carlos Ribeiro – Na arte urbana, diretamente, temos os Guias do Mocho que são só três pessoas.

Ninguém, dos habitantes do Mocho, foi representado?

A única pessoa que eu posso dizer que foi representada nas paredes do Mocho é, por exemplo, o DJ Nervoso, que tem uma obra com a cara dele. É isso que se estava à procura? Não.

Qual é a média dos visitantes anuais da Quinta do Mocho?

Entre três mil a quatro mil pessoas... Está a crescer, é bom.

Filipa Martins

Biblioteca Municipal de Almada

Refugiados no silêncio

Só há uma regra na Biblioteca Municipal de Almada, o respeito por quem está e pela tarefa a que se entrega. Além do silêncio, é promissor a predominância de jovens nesse espaço de estudo, trabalho e cultura.

O que se espera encontrar numa biblioteca numa sexta-feira à tarde? Estantes, livros, jornais e, sobretudo silêncio. Com este cenário era de esperar que os jovens se mantivessem longe. No entanto, foi precisamente o contrário com que me deparei, naquela sexta-feira, na Biblioteca Municipal de Almada. Likes no Instagram, idas ao cinema, saídas com os amigos, tudo isso ficou para segundo plano para os sete jovens presentes na secção de adultos da biblioteca.

O ambiente que se fazia sentir era calmo. Um misto de concentração e descontração. Num canto da sala, um rapaz e uma rapariga estudavam matemática. Apesar de partilharem a mesma mesa, não aparentavam possuir qualquer tipo de relação. Ele escrevia, enquanto ela trabalhava com uma calculadora. Durante uma hora e 15 minutos não existiu qualquer tipo de contacto entre os dois. O silêncio que existia entre eles era fundamental para a concentração envolvida. No entanto, de um momento para o outro o rapaz quebra o silêncio e fala com a rapariga. Ambos sorriem,



arrumam o seu material e saem juntos, contrariando a minha ideia inicial. De frente para uma das janelas, estava uma rapariga um pouco mais nova que os anteriores. A sua mesa, pelo contrário, continha imensas folhas e livros espalhados. O mesmo nível de confusão estava espelhado no seu rosto. A um determinado momento, suspira, levanta a cabeça e olha à sua volta. Parece ter-se apercebido de que a sala está envolvida num ambiente calmo e o barulho vem somente da sua cabeça. Durante uns minutos observa o parque à sua frente. O verde e o silêncio parecem acalmar e as linhas do seu rosto tornam-se mais suaves e descontraídas. O tempo ia passando. Mais um minuto, outro e o seguinte. Apesar disso, pela leveza dos movimentos corporais, era como se os relógios tivessem parado. Nenhum dos jovens parecia dar im-

portância a tal facto. Ninguém, exceto o mais novo. Sentado numa mesa redonda, um rapazinho escrevia com tal empenho e rapidez que, por vezes, mordida a língua. Uma verdadeira corrida contra o tempo. Só era travado por uma senhora que se encontrava ao seu lado que, por vezes, com uma voz meiga, apontava o dedo para o papel e lhe explicava o que deveria escrever a seguir.

No entanto, o canto oposto da sala parecia ser invadido por uma energia diferente. O ritmo da sexta-feira fazia sentir-se através das trocas de olhares e gargalhadas abafadas que teimavam em desafiar o silêncio. Duas raparigas conversavam animadamente, mostrando uma à outra algo no telemóvel. Em cima da mesa, os cadernos já estavam fechados e o estudo já tinha terminado, dando lugar ao convívio.

Com todas as grandes estantes e mesas que compõem a sala, foi difícil reparar numa pequena mesa encostada a um dos cantos da divisão. O sol que entrava pela janela não foi suficiente para iluminar o rosto aborrecido de uma ra-

pariga. Tal como o seu telemóvel ligado à tomada, parecia estar a carregar as energias de uma semana esgotante. Não era incomodada pela concentração dos outros, pelos risos das duas amigas e nem mesmo pelos inúmeros livros à espera de serem lidos. A única coisa pela qual se mantinha dependente era a percentagem de bateria ganha pelo seu telemóvel. Tocava constantemente no ecrã e não parecia ficar satisfeita com o resultado apresentado.

A verdade é que, nesse dia, ninguém leu os jornais expostos, nenhum dos livros foi consultado e as revistas continuaram arquivadas. Só por este facto, poderia supor-se que se trata de um resultado negativo e as bibliotecas entraram em desuso. Mas, uma verdade ainda maior é que, ao visitar regularmente a Biblioteca de Almada, encontro-a sempre sobrelotada. Vários desconhecidos partilham mesas apenas para conseguirem um lugar.

E, o mais fascinante de tudo, é que os jovens predominam. Entram e saem a qualquer hora. A pouco e pouco, adaptaram-se à biblioteca e esta adaptou-se a eles. Um espaço no qual a leitura pode ser posta em dia ou então ficar para amanhã. O estudo ser colocado em prática ou simplesmente carregar o telemóvel. Um espaço onde a única regra imposta é o silêncio. Mas isso não parece ser um problema!

Mariana Pombo



Biblioteca Municipal do Barreiro

Futuro da literatura e a imprevisibilidade do quotidiano

O estudo reserva lugar na Biblioteca Municipal do Barreiro. São jovens que aí fazem os trabalhos académicos. Os mais velhos passam em revista as notícias dos jornais, mas também franqueiam o espaço para navegarem nas redes sociais.

O que acontece no quotidiano dentro de uma biblioteca? As pessoas ainda pegam nos livros, ou deixam que as páginas se transformem num lar envelhecido e amarelado dominado pelo pó? Sendo apaixonada por literatura e principalmente pela escrita de autores portugueses, questionei-me se as pessoas ainda vão às bibliotecas com esse propósito. Determinada pela curiosidade decidi fazer uma observação não participante durante dois dias na Biblioteca Municipal do Barreiro para perceber se isto era efetivamente uma realidade.

1ª OBSERVAÇÃO

Dia 22 de março, às 15:20, entrei na Biblioteca Municipal do Barreiro. Observei a sala juvenil, sobrelotada de jovens a conversar, já a de crianças jazia vazia. Existiam bancos vermelhos onde pessoas seniores liam jornais. Na sala central existiam sete computadores, os seus utilizadores eram também pessoas mais velhas, navegavam no Facebook, Youtube e pesquisavam no Google.

Na sala mais ao fundo permaneciam muitos estudantes a estudar, quase todos num portátil. Após 30 minutos de observação dirigi-me para a saída, contudo reparei em dois polícias que iam em direção à biblioteca. Cheia de curiosidade, segui-os.

Após entrarem, questionaram um rapaz que disse: “Não é a primeira vez que isto acontece”. Falava de um homem que andava a causar conflitos perto dali. As funcionárias conversavam sobre o indivíduo, e de como ameaçava uma pessoa. Disse que lhe cortaria a cabeça. Poderia ter sido ao rapaz que foi abordado pelos polícias logo que chegaram.

“Não tem registo de nenhuma doença mental, mas é esquizofrénico, não toma medicação e é muito agressivo”, afirmou uma delas. Passado algum tempo, os polícias saíram e todos os jovens que estavam na sala juvenil também o fizeram, pareciam estar assustados com



toda aquela situação. Saí da biblioteca às 17:30.

Este acontecimento afetou o quotidiano da biblioteca e talvez alguns jovens tenham medo de lá voltar. Sendo assim, é possível refletir que as condições de segurança e de conforto dentro de um

estabelecimento como este, são essenciais para que as pessoas continuem a frequentá-lo.

2ª OBSERVAÇÃO

Dia 26 de março, às 16:00, fui novamente à biblioteca. Na sala juvenil estavam apenas dois jovens, a rapariga observava o computador. A sala das crianças estava de novo vazia.

Nos bancos vermelhos dois senhores, um mais idoso e outro por volta dos 40 anos que, de novo, tal como no dia 22, lia um jornal. Na sala central, idosos liam revistas enquanto um jovem estava ao telemóvel.

Os computadores estavam todos ocupados, mas desta vez os

utilizadores viam fotografias e liam artigos científicos. A sala do fundo estava mais cheia que da última vez, no entanto não houve grandes diferenças.

Reparei num homem que procurava alguns livros nas estantes de literatura estrangeira, pegou e voltou a guardar

três livros diferentes. O 1º era um livro biográfico, o 2º romance e ficção e o 3º literatura fantástica e terror. A seguir dirigiu-se à saída e requisitou o que me pareceu ser um livro científico. Saí da biblioteca às 17:00.

Das minhas observações pude concluir que as pessoas mais idosas vão até à biblioteca para ler jornais ou revistas, enquanto os jovens vão para estudar ou realizar trabalhos académicos. Relativamente a leitura de livros, apenas vi duas pessoas a ler.

É notável que atualmente as bibliotecas são mais utilizadas para criar um ambiente propício ao estudo, ao trabalho e à ocupação de tempos livres. É importante referir que, sem dúvida, o nível de habilitações literárias das pessoas influencia o seu consumo de literatura e de cultura num contexto geral.

Consequentemente, a maior parte dos livros consultados e requisitados são utilizados para a realização de trabalhos académicos ou de investigação e não para uma leitura casual. Assim sendo, a leitura de livros literários é cada vez mais escassa, sendo uma prática “abandonada” pela maioria das pessoas.

Sem falar que a literatura portuguesa é cada vez mais desvalorizada em comparação com a estrangeira e os novos escritores vivem em constante insegurança quanto ao seu trabalho.

Sofia Vicente
(Texto e Fotos)

Em sete semanas, de 2013 a 2019

Mais de 170 conferencistas transmitiram conhecimentos e experiências

Mais de 170 conferencistas transmitiram conhecimento e experiências de vida durante sete semanas, uma semana por ano, desde 2013 a 2019. Todos os anos em abril, decorre no anfiteatro da Escola Superior de Educação (ESE) a Semana da Comunicação Social.

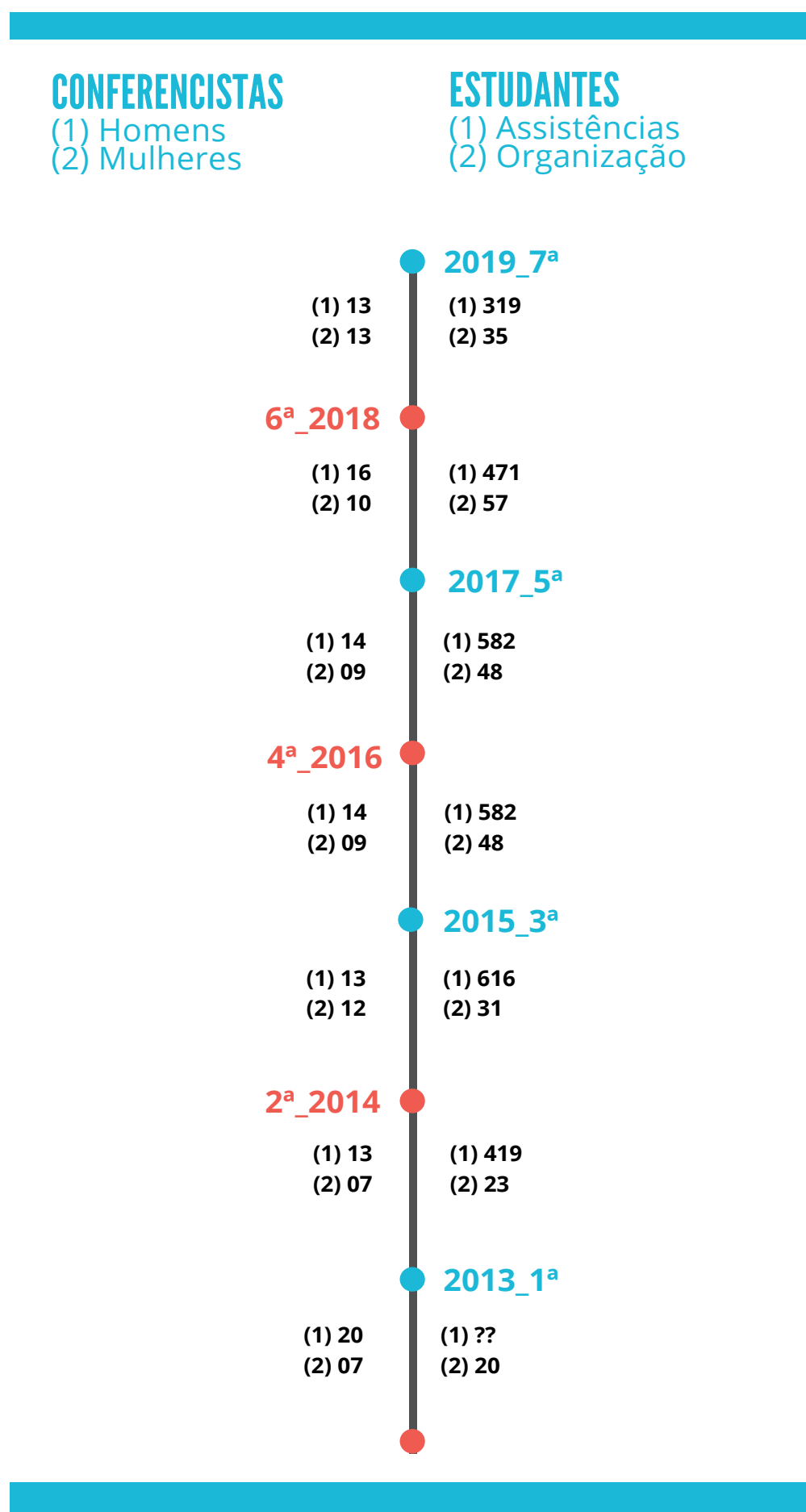
Os estudantes da Licenciatura em Comunicação Social são não só os destinatários das sete edições realizadas como também parte da organização do evento. Desde a semana de 15 a 19 de abril de 2013 até à de 1 a 5 de abril de 2019, estudantes de nove cursos em Comunicação Social e de outros cursos da ESE e do Instituto Politécnico de Setúbal totalizaram mais de três mil assistências a 69 conferências.

Um total de 173 conferencistas proporcionaram conhecimento próprio e experiências profissionais e de vida aos estudantes que os foram ouvir. Não é possível determinar o número real de estudantes que participaram nas sete semanas da Comunicação Social. Todavia, sabe-se que houve um total de 2.972 assistências de estudantes a seis das semanas. Embora não exista o número de assistências à primeira semana, é seguro dizer que nas sete ultrapassaram as três mil.

Duzentos e cinquenta e oito estudantes participaram nas tarefas de organização das sete semanas, entre 2013 e 2019. Desempenharam todas as tarefas que envolvem a organização de um evento. Inscreveram os participantes e emitiram os respetivos certificados. Receberam e apresentaram os conferencistas convidados. Prestaram apoio à sala, quer som e microfones quer cobertura fotográfica e filmagens. Divulgaram também o evento junto dos meios de comunicação social e nas redes sociais. Além desta participação, quatro estudantes tomaram lugar na mesa, três na primeira semana e um na sétima, e 57 apresentaram comunicações que resultaram de pesquisas e estudos que desenvolveram. Desde a quarta semana (2016), os estudantes da unidade curricular Relações Públicas e Publicidade apresentaram mostras de filmes publicitários, as Cenas da PUB.

Ao longo destes sete anos, dois presidentes, Armando Pires e Pedro Dominginhos, e um vice-presidente do Instituto Politécnico de Setúbal, João Vinagre, duas directoras, Joana Brocardo e Ângela Lemos, e uma subdirectora da Escola Superior de Educação, Ana Cristina Figueira, e o coordenador da comissão organizadora, Orlando César, procederam à abertura dos trabalhos. Catorze docentes conduziram e moderaram as 69 conferências.

Durante os eventos foram organizadas



exposições em que estiveram patentes trabalhos produzidos por estudantes, mas também exposições de fotografia de Alfredo Cunha, Fernando Pinho e Luísa Ferreira. A Lusa, Agência de Notícias de Portugal, os jornais Diário da Região, Semmais, O Setubalense, Setúbal na rede e a Setúbal TV foram media partners.

TRANSMITIR EXPERIÊNCIAS

Tomemos de empréstimo as palavras de Walter Benjamin quando alude à «notícia trazida de longe pelo viandante e

[ao] conhecimento do passado transmitido ao sedentário». Questão relacionada com a arte de narrar que o pensador personificou em dois modelos: «agricultor sedentário» e «mercador dos mares». Vejamos os 173 conferencistas como viandantes que se reuniram na ESE, a oficina, com os sedentários. Apesar de ter começado no encontro desses dois grupos, é na oficina, a que Benjamin alude como «a sua alta escola», que as experiências relatadas constituíam a fonte onde todos os narradores iam beber. Viandantes de diversas origens e de especialidades várias

relataram experiências e trouxeram conhecimento dos mundos em que habitam.

Participaram nas sete edições da Semana da Comunicação Social como conferencistas 113 profissionais não docentes (65,3% do total). Os docentes, investigadores e estudiosos dos media que estiveram nessa oficina da ESE foram 51 (29,5%). Deram também contributo ao relato de experiência e conhecimento sete dirigentes associativos (4%) e dois conferencistas com cargos políticos (1,2%).

O grupo de viandantes mais numeroso foi o dos jornalistas e fotojornalistas. Um total de 56 provenientes da imprensa (31), televisão (9), agências noticiosas (9), online (4) e rádio (3), os quais representam 32,4 por cento do total de conferencistas.

Os especialistas de áreas conexas da comunicação social, como marketing, gestão de comunicação e assessoria, totalizaram 23 (13,3%). Outros profissionais especializados do teatro, ópera, cinema, fotografia, literatura, música e sonoplastia, entre eles cineastas, encenadores, fotógrafos e escritores, ascenderam a 26 (15%).

O segundo grupo mais numeroso, o dos docentes, investigadores e estudiosos dos media, somaram 51 (29,5% do total). Participaram ainda outros oito especialistas de outras áreas do conhecimento (4,6%) e os sete dirigentes associativos e dois políticos (5,2%). O conjunto de conferencistas é constituído por 101 homens (58,4%) e 72 mulheres (41,6%). Quanto à organização das sete edições, há uma fronteira que as separa. As quatro primeiras não tiveram um tema comum polarizador, enquanto as três seguintes estavam subordinadas a uma temática.

Apesar disso, a primeira edição caracterizou-se pelas palavras e imagens do serviço público e pelo jornalismo e a política, enquanto a segunda teve como expoente os 40 anos do 25 de Abril, o acontecimento, os jornalistas e as mulheres jornalistas.

A terceira edição abordou o futuro da comunicação, numa semana que assinalou os 20 anos do curso de Comunicação Social, enquanto a quarta centrou-se nas práticas de representação, quer no que se refere às mulheres quer à criatividade e linguagem na publicidade.

As três restantes tiveram como tema central, respectivamente, a viagem como metáfora, a fabricação do real e o problema da informação.

Orlando César